

CLIPPING SEMANAL DE MINERAÇÃO 30 junho a 05 de julho de 2014

(Coordenação: Karen C. Nasser de F. Borges, Ad Hoc Consultores Associados Ltda)

1-30/06/2014

Mineradoras têm aumento de carga tributária

Por **Laura Ignacio | De São Paulo**

A Secretaria da Fazenda de Minas Gerais publicou uma nova norma para orientar a fiscalização sobre a cobrança de ICMS das mineradoras do Estado. A Instrução Normativa Sutri nº 1, publicada no Diário Oficial do Estado de quinta-feira, acolheu o conceito de produto "industrializado" do governo do Estado.

Com a aplicação desse conceito, a carga tributária das mineradoras deve subir. Isso porque, antes, as empresas podiam considerar como "primários", produtos que agora o Fisco vai caracterizar como industrializados. A base de cálculo do ICMS dos produtos industrializados é maior.

A IN interpreta a Lei estadual nº 21.016, de 20 de dezembro de 2013, consolidando o que diz a legislação e as instruções normativas da Fazenda sobre o assunto.

Segundo a norma, os produtos industrializados são os listados na tabela do IPI como tributáveis e que se submeteram a processos que resultem em alteração da composição química ou da estrutura cristalográfica do minério. Exemplos de tratamentos que o torna industrializado: ustulação sulfatante e cloretante; clinquerização da qual resulte o cimento não pulverizado; calcinação do calcário, da qual resulte a cal; e calcinação da bauxita ou óxido de alumínio puro, que gere o coríndon artificial.

"A IN é positiva por esclarecer o conceito de produto industrializado especificamente para o setor de mineração", afirma o advogado Marcelo Jabour, presidente da Lex Legis Consultoria Tributária.

A IN determina também que a base de cálculo do ICMS de minérios nas transferências interestaduais é "o preço corrente no mercado atacadista do estabelecimento remetente", e não o seu preço de custo. A Lei 21.016 já determinava isso. "Minas deverá arrecadar mais com a venda desses produtos", diz Jabour.

O advogado Paulo Honório de Castro Júnior, do William Freire Advogados Associados, explica que, com base na IN, a fiscalização do Estado deve cobrar a diferença de ICMS das mineradoras que tiverem vendido a mercadoria para outro Estado com base no seu preço de custo.

"Há fiscais que aguardavam a IN para aplicar as autuações", afirma Castro Júnior. Segundo ele, a alíquota de ICMS do minério é de 18% em geral.

A IN ainda assegura às mineradoras o uso de créditos de ICMS obtidos com as despesas com energia elétrica para quitar débitos do imposto. E também reitera que os efeitos do entendimento do Fisco sobre o ICMS das mineradoras são retroativos. "Assim, ao aplicar eventuais autuações com base na IN, o Fisco poderá cobrar o ICMS supostamente devido em relação aos últimos cinco anos, a contar da intimação do contribuinte", diz Castro Júnior.

O conceito de produto primário consta do artigo 2º da instrução normativa.

2-30/06/2014

Mineração vai levar US\$ 47 bi em investimentos ao Pará

Quantidades de recursos injetados na economia local terão reflexo direto na criação de 99 mil empregos

O setor de mineração têm sido um dos principais motores de crescimento da Região Norte, em especial no Pará, onde estão as grandes jazidas minerais. Nos próximos quatro anos, até 2018, só esse Estado deverá receber cerca de US\$ 47 bilhões de novos investimentos, segundo dados do Sindicato das Indústrias Minerárias do Estado do Pará (Simineral).

A quantidade de recursos injetados na economia local terá reflexo direto na criação de 99 mil postos de trabalho. Até o ano passado, a cadeia produtiva mineral respondia por 271 mil empregos diretos e indiretos no Estado. Para cada emprego direto, outros 13 postos de trabalho são criados ao longo da cadeia, diz o presidente do Simineral, José Fernando Gomes Júnior.

Na avaliação dele, todo esse investimento vai trazer desenvolvimento e progresso para a região, já que as cidades envolvidas recebem uma compensação financeira pela exploração dos recursos minerais, uma espécie de royalty da mineração. Em 2013, a arrecadação dessa conta cresceu 53% no Estado, segundo o Simineral. Parauapebas recebeu 87% do total e Canaã dos Carajás, 4,8% - quando o projeto S11D da Vale entrar em operação esse percentual subirá.

"Mas a população tem de cobrar dos governantes a aplicação adequada dos valores arrecadados", afirma Gomes Júnior. O governador do Pará, Simão Jatene, é um dos defensores de mudanças no sistema de tributação e divisão dos recursos do ICMS. Segundo ele, hoje no Estado municípios de 200 mil habitantes têm a mesma cota-parte de ICMS que a capital Belém, que tem 1,5 milhão de moradores. "Aí você cria uma ilha de prosperidade num mar de tormentas, com um entorno paupérrimo", diz ele, questionando a gestão dos recursos por parte de alguns municípios.

Várias cidades que recebem grandes projetos continuam com uma infraestrutura que deixa a desejar, apesar da arrecadação maior. Saneamento básico é a principal

deficiência. A justificativa dos governantes locais é que os recursos são consumidos pela explosão populacional das cidades, que recebem uma quantidade enorme de migrantes.

Do lado ambiental, apesar de as jazidas estarem na Amazônia, a pressão das ONGs tem sido bem menor que na construção de hidrelétricas. Em recente entrevista ao Estado, o superintendente de Políticas Públicas do WWF-Brasil, Jean-François Timmers, disse que os impactos da mineração são pontuais e mais restritos comparados à construção de uma usina. Por outro lado, ele ressalta que o setor mineral precisa de elevada oferta de energia para produzir. Ou seja, ela acaba demandando novos projetos de eletricidade.

Fonte: Estadão

3-30/06/2014

Demanda deverá ter expansão de 34% até 2020, diz Vale

Por **Francisco Góes | Do Rio**

A demanda internacional por minério de ferro, o chamado mercado transoceânico, vai crescer acima da produção de aço no período que começou em 2012 e vai se estender até 2020. Esse comportamento será fortemente influenciado pela Ásia e pelos países emergentes, disse ao **Valor** o diretor-executivo de ferrosos e estratégia da Vale, José Carlos Martins.

A perspectiva, segundo ele, é que a produção de aço cresça 23% entre 2012-2020, enquanto o ritmo de expansão do mercado internacional de minério de ferro deverá ser de cerca de 34% no mesmo período, segundo projeções da Vale. Haverá, de acordo com Martins, deslocamento de demanda de minério doméstico chinês para o mercado transoceânico.

Em 2013, o mercado transoceânico de minério de ferro totalizou 1,23 bilhão de toneladas. A participação da Vale nesse segmento foi de 22%, com a exportação de 271 milhões de toneladas no ano passado. "Com as expansões da Vale, em especial o projeto S11D [em Carajás], o qual contempla uma capacidade de produção de 90 milhões de toneladas e cuja operação deve começar no final de 2016, esperamos aumentar nosso market share", disse Martins.

Em 2014, a participação das exportações na produção da Vale deve ficar em torno de 87%. "O mercado doméstico é muito importante para a Vale e possuímos a intenção de aumentar nossas vendas no longo prazo, porém, a maior parte do volume adicional deverá ser direcionado para o mercado externo", disse Martins. A curto prazo, segundo ele, a relação entre oferta e demanda no mercado internacional de minério de ferro está relativamente balanceada, mesmo com entrada de capacidades adicionais,

principalmente da Austrália. Isso ocorre em função da existência de produtores de alto custo, especialmente das minas domésticas da China com custo médio de cerca de US\$ 100 por tonelada, e de produtores "exóticos" no mercado transoceânico.

"A médio prazo, esperamos mais substituição de ofertas de alto custo pelas de baixo custo. Há expectativa também de atrasos e cancelamento de alguns novos projetos menos competitivos pela frente", previu Martins.

O executivo avaliou ainda a situação em mercados maduros, como o da Europa. "A curto e médio prazos, esperamos uma recuperação gradual da demanda de minério na Europa, uma vez que a produção de aço ainda não se recuperou plenamente dos efeitos da crise de 2008 e 2009."

Ele afirmou que, segundo dados da Associação Europeia de Siderurgia (Eurofer), a demanda de aço deve crescer 2,7% em 2014 e 3,1% em 2015, após ter experimentado uma desaceleração de 1,8% em 2013. No caso da América do Norte, a disponibilidade de gás de xisto ("shale gas") vem permitindo aumento de competitividade da economia americana, o que tem motivado uma melhor performance da produção industrial, disse Martins. Acrescentou que, como consequência, a demanda por aço deve se beneficiar, crescendo 3,8% esse ano, de acordo com estimativas da World Steel Association (WSA).

"Contudo, a longo prazo, acreditamos que a demanda adicional por minério virá ainda da Ásia e de países emergentes em função do processo de urbanização. Cabe notar que países desenvolvidos e tradicionais têm mais disponibilidade de sucata ou minas cativas", disse Martins.

4-30/06/2014

OURO

Yamana desmente que operações no Brasil estejam à venda

Em nota, a Yamana comunicou que nenhuma das operações da Companhia no Brasil encontra-se à venda conforme divulgado na imprensa em 23 de junho. A Yamana informa que possui seis unidades em operação no Brasil e que "a perspectiva é que a produção aumente a cada trimestre durante 2014, em especial nas unidades de Chapada (Goiás) e Jacobina (Bahia)". Sobre a operação em Chapada, a Yamana mostrou-se surpresa com a informação de que a mina apresenta baixo desempenho. "Chapada sempre operou dentro das metas estabelecidas, superando ininterruptamente estas metas desde o início de sua operação", conclui a empresa.

Fonte: Brasil Mineral

5-30/06/2014

Efeito da volatilidade sobre as commodities depende do produto

Por **Marcos de Moura e Souza | De Belo Horizonte**

Para dois grandes setores exportadores de commodities - minério de ferro e café -, o sobe e desce do real em relação ao dólar teve efeitos distintos. Para as mineradoras, o real mais desvalorizado de meses atrás, na casa dos R\$ 2,40 por dólar, ajudou a compensar momentaneamente a baixa nos preços do minério de ferro. A atual valorização acabou com o alívio. Já para os exportadores de café, o real mais forte é uma boa notícia.

"O setor mineral passou a enfrentar dois fatores negativos, a valorização do real e a queda do preço do minério", diz Cristiano Parreiras, diretor administrativo do Sindiextra, sindicato que reúne mineradoras em Minas Gerais. No início do ano, a tonelada do minério de ferro estava cotada a US\$ 115 e hoje está ao redor de US\$ 90.

Apesar da importância do câmbio para quem produz o principal item da pauta de exportação do Brasil, o que o incomoda mesmo é o preço. "Nosso maior problema hoje é o baixo valor da cotação do minério de ferro. O câmbio é secundário", afirma Parreiras. Os preços da commodity não são influenciados pelo preço da moeda americana no Brasil, diz ele.

Segundo fontes do setor ouvidas pelo **Valor**, empresas de minério de ferro definiram em seus orçamentos deste ano um câmbio na faixa dos R\$ 2,30.

No caso dos cafeicultores, "um câmbio muito desvalorizado prejudica", diz Maurício Ribeiro do Valle, superintendente de finanças da Cooxupé, que se apresenta como a maior cooperativa de cafeicultores do Brasil.

"Apesar de sermos uma casa exportadora, prefiro o dólar a R\$ 2,20, e não a R\$ 2,40", diz Valle. A razão para isso, explica, é que 25% a 30% dos insumos consumidos pelos produtores de café são fertilizantes e defensivos, em grande parte importados e pagos em dólar.

Outra particularidade do setor do café é que, se o real cai em relação ao dólar, os produtores e exportadores não conseguem necessariamente aumentar sua rentabilidade, como acontece com a maioria dos demais setores exportadores.

Quando o real começa se desvalorizar, afirma Valle, os produtores de café aumentam a oferta do grão no mercado mundial na tentativa de aproveitar o momento. Mas como o Brasil é o maior produtor de café do mundo, com aproximadamente um terço da produção total, esse aumento de oferta acaba levando a uma tendência de queda da cotação internacional do produto.

6-30/06/2014

Mineradoras teriam financiado paramilitares para matar milhares na Colômbia



Empresas mineradoras ativas no noroeste da Colômbia teriam financiado milícias responsáveis pela morte de milhares de pessoas, entre elas líderes sindicais, denuncia uma ONG holandesa, que pede aos fornecedores de energia para que parem de comprar "cavão ensanguentado".

"No final de 1990 havia uma violência social e houveram sequestros de trabalhadores dos grupos de mineração", indicou à AFP Joris van de Sandt, que escreveu um relatório sobre o assunto em nome da ONG PAX.

As empresas de mineração pagaram a grupos paramilitares para que protegessem suas atividades e massacrassem os guerrilheiros e as comunidades locais em áreas ricas em carvão.

Vários sindicalistas foram assassinados por grupos paramilitares.

A empresa americana Drummond, segunda maior produtora de carvão na Colômbia, e a Prodeco, uma subsidiária da Glencore, teriam pago mais de 900.000 dólares, mediante gastos superfaturados, através de um provedor, como Van de Sandt.

De acordo com a ONG holandesa, as milícias colombianas mataram entre 1996 e 2006 mais de 3.000 pessoas e desalojaram cerca de 55.000 pessoas de suas terras no departamento de Cesar, no nordeste da Colômbia.

"Atualmente, as empresas de mineração ainda se aproveitam desta enorme violação dos direitos humanos", afirma a ONG, acrescentando que estas terras foram incorporadas ao território desses grupos de mineração.

Drummond e Glencore rejeitam as acusações deste relatório, que se baseia principalmente no testemunho de ex-funcionários dessas empresas ou ex-membros de grupos paramilitares, um dos quais está atualmente preso.

"A companhia Drummond respeita a lei e reafirma que sempre esteve distante do conflito armado na Colômbia", indicou em um comunicado.

Glencore afirma, por sua vez, que "o relatório é desequilibrado e segue cegamente as alegações de um criminoso condenado."

Vários fornecedores de eletricidade na Holanda compram carvão desses grupos, de acordo com PAX, que convidou as empresas a parar de comprar até que as vítimas sejam indenizadas.

O conflito interno da Colômbia, que envolve o exército, milícias paramilitares e bandos de criminosos, fez centenas de milhares de mortos e mais de cinco milhões de deslocados, segundo dados oficiais.

7-01/07/2014

Megasiderúrgica chinesa começará produção em 2015

Apesar dos problemas do mercado atual e do desequilíbrio entre a oferta e a procura a Baosteel, a maior siderúrgica chinesa, mantém o projeto Zhanjiang como planejado. Trata-se de uma gigantesca planta metalúrgica com capacidade para 10 milhões de toneladas de aço por ano. O projeto foi aprovado pela Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma chinesa e irá começar a produzir no final de 2015. Esta planta suprirá a necessidade das indústrias de ponta que usam aços de alta qualidade, raros na China.

O novo aço de Zhanjiang irá substituir o aço das siderúrgicas obsoletas e caras que estão sendo fechadas em toda a China. Até o momento o país deixou de produzir 11,65 milhões de toneladas de aço cru vindo dessas plantas. Ao todo a China deverá eliminar 17 milhões de toneladas de aço produzido em siderúrgicas antiquadas.

Fonte: Geólogo

8-01/07/2014

Vale ameaça deixar ICMM em razão de disputa judicial

Estadão Conteúdo

A Vale está ameaçando abandonar uma importante organização do setor minerador em meio a uma disputa com a concorrente Rio Tinto referente a um grande ativo de minério de ferro na Guiné.

A mineradora brasileira enviou uma carta ao Conselho Internacional de Mineração e Metais (ICMM, pelas iniciais em inglês) sobre sua filiação à entidade, que é formada pelas 22 maiores empresas globais do setor, incluindo a própria Vale, Rio Tinto, BHP Billiton e Glencore.

"Estamos em conversações sobre a participação (da Vale)", disse uma porta-voz do ICMM. Ela se recusou a dizer quando a carta foi recebida ou a comentar mais sobre seu conteúdo. Uma porta-voz da Vale admitiu o envio da carta ao ICMM, mas não fez comentários.

Segundo três pessoas com conhecimento da situação, o presidente da Vale, Murilo Ferreira, ameaçou deixar o ICMM, do qual ele é conselheiro, por causa de um processo judicial da Rio Tinto contra a empresa brasileira.

A Rio Tinto abriu o processo contra a Vale e o bilionário israelense Beny Steinmetz no final de abril. A empresa anglo-australiana acusa a Vale e Steinmetz - além do ex-ministro de mineração da Guiné Mahmoud Thiam e Mamadie Touré, esposa do ex-presidente do país Lansana Conté - de terem feito um conluio para roubar da Rio Tinto metade da concessão de minério de ferro de Simandou. Localizado na Guiné, Simandou é um dos maiores ativos não desenvolvidos de mineração do mundo.

A Vale e o braço minerador de Steinmetz, a BSG Resources, negam as acusações, assim como Thiam. Mamadie Touré não foi encontrada para comentar sobre o processo.

Se a Vale de fato deixar o ICMM, será a primeira vez que uma grande mineradora o fará desde que o conselho foi fundado, em 2001. A entidade costuma promover encontros de executivos do setor minerador duas vezes ao ano, normalmente em maio e outubro.

Fonte: Dow Jones Newswires.

9-01/07/2014

Lulo a mais nova mina de Angola promete eclipsar Catoca

A mina de diamante sobre o kimberlito de Catoca é uma das grandes geradoras de renda em Angola. Mas, segundo notícias recentes, Catoca estará sendo deslocada para o segundo lugar.

O novo nome a ser lembrado é Lulo. Lulo é um projeto cuja produção de diamantes é esperada para 2016. Segundo o relatório publicado recentemente, Lulo será o maior produtor de diamantes do país e seus diamantes irão valer mais de dez vezes o valor médio de Catoca. Se isso for verdade Angola passará em breve a ser uma das maiores produtoras de diamantes do mundo. A concessão que engloba os alvos tipo Lulo, de 3.000km², pertence a Lucapa Diamonds Company ltd e cobre uma região onde ocorrem os maiores depósitos aluvionares de diamante da Angola: a bacia do Rio Cuango.

Lulo é um kimberlito descoberto pelo levantamento aerogeofísico feito em 2008. O kimberlito está localizado no Graben de Lucapa onde a maioria dos kimberlitos

angolanos ocorrem. Esses pipes foram preservados pelas areias do Deserto do Kalahari e, conseqüentemente, não estão muito erodidos.

Os aluviões da área já produziram grandes pedras, de até 131,4 quilates, e as vendas dos diamantes de Lulo foram realizadas com preços superiores a US\$6.000/quilate, uma verdadeira anomalia. Em Catoca o preço médio do quilate é de US\$100,00.

Fonte: Geólogo

10-01/07/2014

MBPAR – Mineração Batalha e Participações Ltda realiza pesquisa de wollastonita

A MBPAR – Mineração Batalha e Participações Ltda, empresa com sede em Goiânia-GO comunica a nossa pesquisa que comprova a descoberta de uma jazida de Wollastonita de porte mundial em território brasileiro, mais especificamente no Estado de Goiás, com relatório Final de Pesquisa Positivo protocolado no DNPM.

Fonte: MBPAR

11-01/07/2014

OPORTUNIDADES À VISTA

Pequenos e médios empresários da região de influência da Anglo American recebem cursos de capacitação e assessoria profissional para turbinar vendas e fazer novos investimentos

Proprietários de pequenas e médias empresas, além dos produtores rurais dos municípios mineiros de Conceição do Mato Dentro, Dom Joaquim, Alvorada de Minas e Serro, são alvo do Programa de Empreendedorismo Global da Anglo American, e já tiveram as primeiras oficinas. Implantado no Brasil em outubro de 2013, o programa começou em Minas Gerais há dois meses. A ideia é fomentar o empreendedorismo e impulsionar o desenvolvimento local sustentável entre o público-alvo da iniciativa. As localidades escolhidas fazem parte da região de influência direta e indireta do Projeto Minas-Rio, empreendimento da empresa em fase de implantação nos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro. A iniciativa beneficiará cerca de 200 proprietários de pequenas e médias empresas, além de produtores rurais daqueles municípios.

O Programa de Empreendedorismo Global da Anglo American oferece cursos de capacitação e assessoria profissional, que darão apoio necessário aos empresários para que estes façam suas empresas ou projetos crescerem. São cursos gratuitos e voltados para pequenos e médios empresários urbanos ou rurais, com assessoria sobre gestão de

negócios e oportunidades de investimento, acompanhamento de novos projetos e empresas, e acesso às fontes de financiamento de baixo custo. Além disso, possibilitará aos empresários estruturarem projetos, buscar novos produtos e mercados, trocar experiências com outros empreendedores e desenhar o plano de crescimento do negócio.

Maurício Martins, gerente-geral de desenvolvimento social da Unidade de Negócio Minério de Ferro Brasil da Anglo American, explica que o programa endossa uma das prioridades da área de desenvolvimento social da Anglo American, que é apoiar as comunidades locais, nos quais a empresa atua. “Por isso, decidimos investir no potencial empreendedor e na vocação das localidades de Conceição do Mato Dentro, Dom Joaquim, Alvorada de Minas e Serro, para trazer benefícios duradouros, como geração de emprego e renda, melhoria da capacitação profissional e melhoria da qualidade de vida da população.”

O gerente da Anglo American ressalta que a empresa firmou acordo com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para financiar os projetos dos participantes do programa após a estruturação dos planos de trabalhos de cada empreendedor, o que deve ocorrer em 2015, depois da realização das oficinas.

“Globalmente, desde 2011, mais de 1,3 mil micro, pequenas e médias empresas já foram beneficiadas com o programa em Botswana, África do Sul e Chile. Esta é uma política global da empresa de apoiar as comunidades anfitriãs em seu desenvolvimento socioeconômico. E o Brasil oferece inúmeras oportunidades para o crescimento do empreendedorismo.”

Maurício salienta que a próxima etapa do programa será a realização de mais três oficinas de capacitação e oferta de consultoria. “Serão, ao todo, quatro oficinas durante o ano, com carga horária de 10 a 20 horas por mês”, diz o gerente. Após a fase de diagnóstico e planejamento, a primeira etapa do programa será a realização de encontros de introdução para as propostas que receberão apoio do projeto. A expectativa é que cerca de 200 empresas sejam beneficiadas nos quatro municípios.

Aprendizado valioso Das quatro oficinas de capacitação e assessorias técnicas a serem realizadas, a primeira foi feita no mês de abril, no município de Dom Joaquim. Durante as reuniões, os empreendedores puderam elaborar diversos planos de negócios. “Sempre gostei de participar de programas que possibilitam a aquisição de um aprendizado rico. Quando comecei o meu negócio, os processos não eram tão organizados como hoje, mas espero com a assessoria oferecida pelo Programa de Empreendedorismo da Anglo American poder colocar as coisas em ordem. Quando estiver mais organizado, até os clientes ficarão mais satisfeitos com os nossos serviços”, diz Geraldo Braz Aguiar de Araújo, proprietário da GMax Material de Construção, morador e participante do programa no município de Dom Joaquim.

Júlio César da Silva Gonçalves, proprietário da Mundial Meias, participante do programa e morador no mesmo município, ressalta que o programa chegou em boa hora. “Comecei com uma pequena produção de meias na roça, quando uma chuva forte destruiu meu maquinário. Quase pensei em desistir, mas a empresa me apresentou o

programa e disse que poderia ajudar. Hoje, produzo cerca de cinco mil dúzias de meias por mês e a venda é certa. Também não misturo mais as finanças de casa com as da empresa e já consigo administrar as saídas e entradas de caixa”, orgulha-se o empresário.

Abrangência

A empresa Anglo American atua no Brasil desde 1973 e está presente com quatro produtos: minério de ferro, com o Minas-Rio, o maior projeto de exploração de minério de ferro em desenvolvimento no mundo; níquel, nos municípios de Barro Alto e Niquelândia, em Goiás; fosfato, com operações nos municípios de Ouvidor (GO), Catalão (GO) e Cubatão (SP) e nióbio, nos municípios de Catalão e Ouvidor, em Goiás. O Minas-Rio, principal projeto mundial da empresa, atingirá, em sua primeira fase, a capacidade de produção de 26,5 milhões de toneladas de minério de ferro. O empreendimento inclui uma mina de minério de ferro e unidade de beneficiamento em Conceição do Mato Dentro e Alvorada de Minas, em Minas Gerais, com 525 quilômetros de extensão, e o terminal de minério de ferro do Porto de Açu, em São João de Barra (RJ).

Fonte: Estado de Minas

12-01/07/2014

DEMANDA DEVERÁ TER EXPANSÃO DE 34% ATÉ 2020, DIZ VALE

A demanda internacional por minério de ferro, o chamado mercado transoceânico, vai crescer acima da produção de aço no período que começou em 2012 e vai se estender até 2020. Esse comportamento será fortemente influenciado pela Ásia e pelos países emergentes, disse ao Valor o diretor-executivo de ferrosos e estratégia da Vale, José Carlos Martins.

A perspectiva, segundo ele, é que a produção de aço cresça 23% entre 2012-2020, enquanto o ritmo de expansão do mercado internacional de minério de ferro deverá ser de cerca de 34% no mesmo período, segundo projeções da Vale. Haverá, de acordo com Martins, deslocamento de demanda de minério doméstico chinês para o mercado transoceânico.

Em 2013, o mercado transoceânico de minério de ferro totalizou 1,23 bilhão de toneladas. A participação da Vale nesse segmento foi de 22%, com a exportação de 271 milhões de toneladas no ano passado. "Com as expansões da Vale, em especial o projeto S11D [em Carajás], o qual contempla uma capacidade de produção de 90 milhões de toneladas e cuja operação deve começar no final de 2016, esperamos aumentar nosso market share", disse Martins.

Em 2014, a participação das exportações na produção da Vale deve ficar em torno de 87%. "O mercado doméstico é muito importante para a Vale e possuímos a intenção de aumentar nossas vendas no longo prazo, porém, a maior parte do volume adicional deverá ser direcionado para o mercado externo", disse Martins. A curto prazo, segundo ele, a relação entre oferta e demanda no mercado internacional de minério de ferro está relativamente balanceada, mesmo com entrada de capacidades adicionais, principalmente da Austrália. Isso ocorre em função da existência de produtores de alto custo, especialmente das minas domésticas da China com custo médio de cerca de US\$ 100 por tonelada, e de produtores "exóticos" no mercado transoceânico.

"A médio prazo, esperamos mais substituição de ofertas de alto custo pelas de baixo custo. Há expectativa também de atrasos e cancelamento de alguns novos projetos menos competitivos pela frente", previu Martins.

O executivo avaliou ainda a situação em mercados maduros, como o da Europa. "A curto e médio prazos, esperamos uma recuperação gradual da demanda de minério na Europa, uma vez que a produção de aço ainda não se recuperou plenamente dos efeitos da crise de 2008 e 2009."

Ele afirmou que, segundo dados da Associação Europeia de Siderurgia (Eurofer), a demanda de aço deve crescer 2,7% em 2014 e 3,1% em 2015, após ter experimentado uma desaceleração de 1,8% em 2013. No caso da América do Norte, a disponibilidade de gás de xisto ("shale gas") vem permitindo aumento de competitividade da economia americana, o que tem motivado uma melhor performance da produção industrial, disse Martins. Acrescentou que, como consequência, a demanda por aço deve se beneficiar, crescendo 3,8% esse ano, de acordo com estimativas da World Steel Association (WSA).

"Contudo, a longo prazo, acreditamos que a demanda adicional por minério virá ainda da Ásia e de países emergentes em função do processo de urbanização. Cabe notar que países desenvolvidos e tradicionais têm mais disponibilidade de sucata ou minas cativas", disse Martins.

Fonte: Valor Econômico

13-01/07/2014

MMX padece com preços em baixa e caixa ajustado

Por **Francisco Góes | Do Rio**

Uma combinação negativa de fatores contribuiu para a ação da MMX Mineração e Metálicos, empresa ainda controlada por Eike Batista, registrar ontem a maior queda do Ibovespa. O MMXM3 fechou o dia cotado a R\$ 2,03, com queda de 6,88%. Do começo do ano até ontem, a ação acumulou queda de 51,67%, segundo o "Valor Data". A mineradora vem tentando achar comprador para seus ativos, mas a queda nos preços do

minério de ferro dificulta a operação. A empresa também trabalha com situação apertada de caixa.

Uma fonte disse que a desvalorização da ação, ontem, se relacionou com o difícil momento vivido pela empresa, embora o papel esteja sujeito à volatilidade. "A ação [da MMX] não responde a determinados fundamentos de mercado", afirmou a fonte. O papel da empresa vem renovando as mínimas históricas desde a última semana. Ontem, após abrir com leve queda de 0,9%, a R\$ 2,16, as ações chegaram a recuar 5,5% e ampliaram a queda no fim do pregão.

A MMX vem tentando vender os ativos minerais da companhia desde o ano passado. O principal deles é a mina de Serra Azul, no Quadrilátero Ferrífero de Minas Gerais. O presidente da companhia, Carlos Gonzalez, chegou a mostrar otimismo, em teleconferência, no começo do ano, sobre a possibilidade de fechar acordo com um parceiro ainda no primeiro semestre. Mas a transação é dificultada, no momento, pela situação de mercado do minério de ferro, cujos preços estão em queda este ano.

Embora a MMX esteja vendendo toda a sua produção de minério de ferro no mercado doméstico, a companhia sofre, indiretamente, os efeitos da redução da commodity no mercado internacional por força de uma demanda menor da China, principal consumidor mundial do produto. Além disso, a companhia de Batista tem uma situação muito ajustada de caixa. Ao fim do primeiro trimestre de 2014, a receita líquida da MMX era de R\$ 110 milhões. O **Valor** apurou, porém, que não está nos planos da administração da empresa entrar com um processo de recuperação judicial neste momento.

No primeiro trimestre, a empresa produziu 1,3 milhão de toneladas de minério de ferro, com queda de 10% sobre igual período do ano passado. No passado recente, a empresa chegou a prever uma produção de 29 milhões de toneladas de minério de ferro por ano, número depois reduzido para 15 milhões de toneladas, o que exigiria investimentos de cerca de US\$ 1,4 bilhão. Mas o projeto de expansão da mina de Serra Azul está paralisado enquanto a empresa não encontra um investidor que tenha interesse em desenvolver o projeto.

A perspectiva é que a MMX tenha um ano difícil em 2014, tentando sobreviver nesse cenário que combina a tentativa de chegar a um acordo com um eventual investidor, preços do minério de ferro em queda e caixa ajustado. Mas em 2015, se conseguir se recuperar, a companhia poderá ter uma situação mais confortável se houver uma recuperação dos preços da commodity.

A MMX também poderá se beneficiar da entrada em operação, ainda este ano, do Porto Sudeste, em Itaguaí (RJ), do qual detém 35% do capital. Os restantes 65% foram vendidos, em operação fechada este ano, para a trading Trafigura e para Mubadala, de Abu Dhabi. O Porto Sudeste vai garantir à MMX custo mais competitivo de logística para a exportação de minério de ferro. Hoje, a MMX depende de "janelas" (espaços)

que são abertas nos terminais portuários da CSN e da Vale no porto de Itaguaí para conseguir exportar. Essas "janelas" são abertas, normalmente, no segundo semestre de cada ano.

Se não conseguir fechar um acordo com um investidor, a MMX tem outras alternativas na manga. Elas incluem a venda de equipamentos já comprados para a expansão da mina em Minas Gerais. E a venda de ativos, incluindo as minas da empresa em Corumbá (MS) e até mesmo a participação dos restantes 35% que a mineradora tem no porto Sudeste, embora até hoje a empresa não tenha admitido essa hipótese publicamente.

14-01/07/2014

Destaques

Minério sobe 2,2% no mês

O minério de ferro caiu ontem 1,2% no mercado à vista da China, negociado a US\$ 93,80 a tonelada. Apesar da queda nas duas últimas sessões, a commodity terminou o mês em leve alta de 2,2%. Dados mais positivos da China permitiram uma recuperação desde a mínima de US\$ 89 por tonelada, em 16 de junho. No segundo trimestre, porém, registra desvalorização de 19,7%. Os valores são produto com concentração de 62% de ferro. De abril a junho, o preço médio ficou em US\$ 102,70 a tonelada. O valor é 18% inferior ao registrado em igual período de 2013 (US\$ 125,40), o que deve pressionar as receitas trimestrais das principais mineradoras, como a Vale, e também de siderúrgicas que exportam a commodity, como a CSN.

Fonte: Valor

15-01/07/2014

Metais devem ter segundo semestre melhor

Por **Olivia Alonso | De São Paulo**

O segundo semestre começa com expectativas melhores do que no início do ano para os principais metais não ferrosos. Em geral, o sentimento é mais positivo com as economias chinesa, americana e europeia, o que favorece as commodities metálicas.

"Embora os dados de comércio de metais na China não estejam notavelmente bons, o sentimento em relação à economia tornou-se cada vez mais favorável", diz em relatório Stephen Briggs, analista do BNP Paribas. Walter de Wet, analista do Standard Bank, concorda. As medidas de "mini-estímulo" à economia chinesa, combinadas a uma melhora do cenário global melhoraram o sentimento econômico, afirma.

No primeiro semestre, os metais tiveram desempenhos bastante diversos. Em média, subiram 5,7%, sendo que o níquel subiu 35% e puxou o índice. Cobre, estanho e chumbo ainda têm queda no ano.

Em junho, os comportamentos também foram mistos. Os metais tiveram alta de 0,53%, em média, sendo que o níquel devolveu parte dos ganhos dos meses anteriores. O estanho também puxou o grupo para baixo com queda de quase 5%. Enquanto isso, alumínio, cobre, zinco e chumbo subiram, impulsionados principalmente por dados mais positivos da indústria na China e nos Estados Unidos.

Com estoques mais baixos e cortes de produção em alguns países, o alumínio subiu 1,6% em junho e tem alta de 4,1% no ano. Recentemente, começou a aparecer entre as apostas positivas. Os analistas do banco francês Natixis acreditam que a tendência é de continuidade da queda dos estoques do metal e comentam que o mercado está mudando para uma situação de déficit, após anos de superávit global. Eles acrescentam que estão em curso na China políticas para evitar o excesso de capacidade de produção.

O cobre, que ainda acumula baixa de 6% em 2014, divide opiniões. Os estoques do metal caíram pela metade na China desde dezembro, para 280 mil toneladas, mas é possível que tenham apenas saído dos armazéns das bolsas de metais para os galpões de empresas, diz Bruno Rezende, da Tendências Consultoria.

Também permanecem as dúvidas sobre o impacto das investigações no porto de Qingdao sobre as importações chinesas do metal, após empresas terem usado cobre indevidamente como garantias em operações financeiras.

Para Rezende, tanto para alumínio quanto o cobre, o fim do ciclo de baixa está próximo.

Mas, neste mês, as atenções se voltam principalmente para o níquel, com expectativas em relação às eleições da Indonésia. O mercado espera uma sinalização do novo governo do país sobre a proibição da exportação de minérios. A medida ajudou o níquel a subir neste ano e, se for mantida, pode dar um novo fôlego ao metal. Até agora, o mercado de níquel ainda não está deficitário. "Em parte, isso é resultado do aumento sazonal da oferta de minério de níquel das Filipinas", diz o Natixis em relatório. Caso a exportações sigam proibidas na Indonésia, o mercado ficará em situação deficitária no ano que vem, informa o banco francês.

Já o estanho, cujo preço está no nível mais baixo desde 2012, teve a maior queda no mês, de 4,7%, mas tem bons fundamentos. O mercado está em situação de deficit e deve continuar no ano que vem. O BNP Paribas prevê ainda para este ano um preço de US\$ 24.500 por tonelada, 9% acima do preço atual.

16-02/07/2014

Projeto sobre mineração em área indígena se arrasta há quase duas décadas

Levantamento aponta 4.220 manifestações de interesse de exploração em terras da Amazônia Brasileira

POR DANILO FARIELLO- O GLOBO

BRASÍLIA — Há 18 anos um projeto de lei para regulamentar a exploração mineral em terras indígenas tramita no Congresso Nacional, aguardando aprovação. Atualmente, segundo levantamento feito pelo Instituto Socioambiental (ISA), há 4.220 manifestações de interesse em atividades de mineração em 152 terras indígenas da Amazônia Brasileira. Todas elas esperam uma definição do Congresso, e a terra dos ianomâmis é que mais cobiça gera. Série de reportagens publicada pelo GLOBO nos últimos dias mostrou como esse grupo indígena vive e como sofre pressão de garimpeiros interessados em explorar minerais em suas reservas. O debate ganha fôlego.

Segundo o terceiro parágrafo do artigo 231 da Constituição Federal de 1988, a atividade mineral — assim como a extração de recursos hídricos e o aproveitamento hidrelétrico — só pode ser feita em área indígena mediante a aprovação pelo Congresso em forma de lei e desde que sejam “ouvidas as comunidades afetadas, ficando-lhes assegurada participação nos resultados da lavra”.

Nos últimos anos, o governo federal chegou a debater um projeto para normatizar essas atividades econômicas em áreas indígenas, inclusive criando uma espécie de royalty que seria pago aos índios, na proporção de uma parcela do faturamento da atividade.

Mas o debate perdeu força depois da primeira tentativa da Advocacia Geral da União (AGU) de estender as condições impostas pelo Supremo Tribunal Federal (STF) à área de Raposa-Serra do Sol a todas as comunidades indígenas do país. A tentativa provocou forte oposição de indigenistas e levou a ideia do royalty indígena à geladeira.

Hoje, o ISA defende que a exploração da atividade mineradora em terras indígenas seja debatida no Congresso, no âmbito do Estatuto dos Povos Indígenas — projeto de lei 2.057 de 1991 —, mas não naquele específico sobre mineração que é debatido desde 2006, o projeto de lei 1.610. Esse texto, porém, repousa há ainda mais tempo no Congresso sem que se aproxime de sua aprovação.

— O PL 1.610 só trata de exploração mineral em terras indígenas e não de exploração de recursos hídricos, que precisa também ser regulado conforme a Constituição. Só o Estatuto dos Povos Indígenas poderia garantir os direitos indígenas e ambientais dessas atividades — explica Ana Paula Souto Maior, advogada do instituto.

Em 2011, numa tentativa de aprovar o projeto específico sobre o tema, a Câmara criou uma comissão especial para debater o assunto, assim como ocorrera na Legislatura anterior, entre 2007 e 2010. Mas, agora, assim como ocorreu antes, a comissão especial em vigor corre o risco de caducar ao fim deste ano, com a troca de mais uma Legislatura, após as eleições.

Segundo assessores do deputado Edio Lopes (PMDB-RR), relator da comissão especial que debate a atividade mineral em terras indígenas, o parlamentar ainda está trabalhando para apresentar seu relatório neste ano e quer levar o texto a plenário.

Enquanto não existe uma lei que regule a atividade mineral em área indígena, garimpos ilegais continuam em atuação em terras demarcadas no país. Em agosto de 2013, por exemplo, uma ação da Fundação Nacional do Índio (Funai) em parceria com o Exército retirou garimpeiros ilegais da terra ianomâmi em Roraima, expulsando invasores e destruindo uma pista ilegal para pouso e decolagem de aviões.

IANOMÂMIS NA MIRA

Segundo levantamento do ISA junto a requerimentos registrados no Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) até março de 2013, a área ianomâmi era a que tinha mais requerimentos de atividade minerária em aberto, com 657 processos, correspondentes a mais da metade da área total da reserva.

Ainda de acordo com o ISA, das 693 terras indígenas do país, 32 possuem requerimentos de mineração que ocupariam mais de 90% de sua áreas, e 18 áreas menores do que 15 mil hectares têm pedidos que equivalem à totalidade da área demarcada. As principais substâncias procuradas em áreas indígenas são, em ordem decrescente, ouro, cobre, cassiterita, chumbo e estanho.

17-02/07/2014

Exportação de minério de ferro do Brasil em junho soma 29,55 mi t

SÃO PAULO (Reuters) - A exportação de minério de ferro do Brasil em junho somou 29,55 milhões de toneladas, contra 26,1 milhões de toneladas em junho de 2013, informou a Secretaria de Comércio Exterior (Secex) nesta terça-feira.

Em maio, o país exportou 30,7 milhões de toneladas.

(Por Fabíola Gomes)

18-02/07/2014

BHP Billiton admite possibilidade de mais demissões

ESTADÃO conteúdo

A BHP Billiton admitiu a possibilidade de mais cortes de postos de trabalho, na tentativa de tornar as operações de minério de ferro no noroeste da Austrália mais lucrativas.

Jimmy Wilson, presidente da unidade de minério de ferro da BHP, afirmou que qualquer dispensa adicional não será por conta dos preços de mercado da commodity, que desvalorizaram a cerca de um terço do valor neste ano.

Wilson também informou que não há um número definido para os cortes. "Nossa aspiração é ao menos manter ou reduzir nosso quadro de funcionários enquanto estamos aumentando os volumes."

A BHP Billiton já fechou 100 postos de trabalho na divisão de minério de ferro de Perth, afirmou uma pessoa com conhecimento do assunto no mês passado. Outros 170 empregos foram cortados em uma mina de Pilbara.

Para o presidente de marketing da companhia, Mike Henry, a queda nos preços da commodity neste ano está em linha com as expectativas da mineradora. A desvalorização ocorreu por conta da veloz adição de oferta da Austrália, explicou, acrescentando que os preços provavelmente continuarão a declinar por vários anos. Fonte: Dow Jones Newswires.

19-02/07/2014

China: minas de minério de ferro começam a fechar. Grandes mineradoras celebram

Segundo analistas chineses, a cada dia que passa uma nova mina de minério de ferro é fechada. Este cenário retira do mercado uma quantidade substancial de minério de ferro

pouco competitivo. O fenômeno obriga os grupos siderúrgicos chineses a comprar minério de ferro importado para substituir os locais pouco competitivos.

Chega ser irônico: a queda dos preços, que mata as minas chinesas, que param de produzir, é a responsável pela alta dos preços que se aproxima...

Na outra face desta moeda estão as grandes mineradoras que conseguem produzir minério a baixo custo. Apesar dos baixos preços essas mineradoras ainda estão nos grandes lucros e aceleram, aumentando exponencialmente a sua produção, enquanto os menos privilegiados fecham.

Se este cenário perdurar será a extinção da mineração de minério de ferro chinesa. Elas simplesmente não tem como competir. Segundo analistas do JPMorgan os custos da Província de Hebei, uma das maiores produtoras de minério de ferro está ao redor de US\$108/t. O custo médio da China, segundo esses mesmos analistas está em US\$105/t o que coloca quase todas as mineradoras, com honrosas exceções, no prejuízo.

Aqui fica estampada a grande lição da economia mineral: somente aqueles, que produzem com qualidade e baixíssimo custo, irão sobreviver. Caso esse não seja o seu caso, venda! Enquanto tiver tempo...

Fonte: Geólogo

20-02/07/2014

CHALCO VAI CONSTRUIR PLANTA DE 800.000T DE ALUMINA NA CHINA

A Chalco e a Jinjiang entraram em JV para a construção de uma nova planta de alumina no sudoeste da China, próximo aos jazimentos de bauxita. Trata-se do projeto Qingzhen, que estará produzindo em 12 meses. O CAPEX de Qingzhen será de US\$3,8 bilhões.

Fonte: Geólogo

21-02/07/2014

COMPANHIA HOLANDESA ADQUIRE 30% DE PORTO NO ES

A companhia holandesa Porto de Roterdã, uma das principais operadoras portuárias do mundo, entrou na sociedade do Porto Central de Presidente Kennedy, no Espírito Santo, que pretende ser o maior porto privado do Brasil. O complexo portuário vai ter capacidade para receber navios do porte Valemax, capazes de transportar 400 mil toneladas de minério de ferro.

Segundo José Maria Novaes, diretor-presidente do Porto Central, já tem vários memorandos de entendimento assinados com potenciais interessados em explorar o porto, mas o executivo não citou nomes.

Novaes afirmou que a empresa holandesa decidiu entrar no negócio após uma mudança nas leis dos portos, que abriu o setor para investimento privado e operações de diversos tipos de carga. O Porto de Roterdã terá 30% das operações do projeto. Uma participação de aproximadamente 70% ficará com a TPK Logística, empresa criada no Espírito Santo com o propósito exclusivo de tocar o empreendimento.

O complexo portuário abrange a construção de duas ferrovias, a EF-354 e a EF-118, que vão permitir que o minério de ferro extraído em Minas Gerais seja transportado em grande escala até o Espírito Santo e escoado no Porto Central.

O empreendimento vai proporcionar também a possibilidade de construção de plantas de pelotização em sua área industrial e adjacências. O Porto Central será equipado para importar e exportar aço na forma de bobinas, placas, chapas finas e grossas, perfis, vergalhões, entre outros.

Dos R\$ 5 bilhões de investimento, 70% serão provenientes de financiamento. O projeto já foi previamente apresentado ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que deve ser o grande financiador do Porto Central, disse Novaes. O executivo não descarta, porém, a entrada de outros bancos europeus.

Para negociar o empréstimo, os sócios ainda aguardam a emissão da licença prévia ambiental do projeto, que está perto de ser liberada pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). “Tivemos uma reunião com o Ibama na semana passada. A licença deve ser liberada entre 15 e 30 dias. A partir daí, vamos entregar a carta-consulta ao BNDES”, disse Novaes.

A TPK tem 60% de sua composição controlada pelo grupo Polimix, uma das maiores concreteiras do país. Os demais 40% pertencem a três investidores locais, donos das terras onde o porto será construído. O governo do Espírito Santo deverá ter ainda uma pequena participação de cerca de 1%, por ter cedido áreas complementares ao empreendimento.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

22-02/07/2014

BRASIL ABRE PRIMEIRO CENTRO DE CARACTERIZAÇÃO DE MINERAIS

O Instituto de Física de São Carlos (IFSC) da USP, criou o primeiro laboratório do país aparelhado para caracterizar minerais.

O Centro de Caracterização de Espécies Minerais (CCEM) é fruto de uma parceria entre a USP, a Universidade Federal do Ceará (UFC) e Universidade do Arizona (EUA), considerada um dos mais importantes centros de caracterização de espécies minerais do mundo.

Foi lá que foi desenvolvido o sistema de difração do Curiosity, robô da NASA que atualmente explora Marte, coletando amostras de solo e rochas que são então analisadas por meio de difração de raios X para descobrir quais os tipos de minerais existem naquele planeta, bem como analisar a possibilidade da presença de água.

Em 2010, a sonda espacial japonesa Hayabusa coletou em um asteroide um mineral desconhecido, nunca encontrado na Terra.

Mas, para saber tudo isso, é preciso ser capaz de pegar a rocha e verificar quais são os minerais em seu interior.

Riqueza desconhecida

De volta à Terra, atualmente são conhecidas aproximadamente 5 mil espécies minerais, conforme registros da Associação Mineralógica Internacional (IMA). Mas apenas 60 minerais "novos" foram caracterizados no Brasil.

Para o professor Marcelo de Andrade, esse é um dado preocupante, uma vez que o país possui grande investimento na área de mineração - desses 60 minerais brasileiros, o grupo da IFSC é responsável pela identificação e caracterização de sete deles.

Além da difração de raios X, o grande trunfo do laboratório será o equipamento de Espectroscopia Raman, que permite observar cada composto químico presente em uma rocha em cores diferentes - fazendo uma medida ponto-a-ponto do espectro é possível observar cada porcentagem dos compostos, que ficam representados por cores diferentes.

Segundo o professor Javier Ellena, o responsável pela colaboração entre os grupos brasileiros e norte-americano, além de analisar amostras de minerais, o laboratório poderá ser utilizado em outras áreas, como a farmacêutica e a biológica, para caracterizar cristais de compostos químicos candidatos a medicamentos.

Fonte: Inovação tecnológica

23-02/07/2014

CPRM INICIA PROGRAMA DE SONDAÇÃO PROFUNDA NO NORDESTE

A CPRM, através da Diretoria de Geologia e Recursos Minerais (DGM), iniciou na última semana um ambicioso programa de sondagem profunda. O principal objetivo é resolver questões geológicas e estratigráficas que permitam avanços no conhecimento de áreas relevantes de distritos mineiros importantes no país.

O programa prevê a perfuração de 20 mil metros de sondagens com furos que variam de 500 a 1250 metros. O local escolhido para iniciar o programa foi a região Seridó, localizada na Província Borborema no Nordeste do Brasil, onde foram escolhidos 3 furos a serem realizados, sendo 2 nesta fase e outro nos próximos anos.

Esta área foi escolhida para atender demandas discutidas durante o I Seminário de Províncias Metalogenéticas Brasileiras. O programa é coordenado pelo Departamento de Recursos Minerais (DEREM) juntamente com o Departamento de Geologia (DEGEO) e supervisionado pela Divisão de Avaliação de Recursos Minerais (DIARMI) em parceria com a Superintendência de Recife.

Fonte: CPRM

24-02/07/2014

VOTORANTIM DIMINUI CUSTOS DA REDUÇÃO DE NÍQUEL

A Votorantim Metais implantou na unidade de Niquelândia (GO) um novo sistema que substituiu 38% do óleo 1A por coque de petróleo nos fornos de redução de níquel. A flexibilização da matriz energética inédita, que reduz os custos da produção e tem baixo impacto ambiental, recebeu um investimento de R\$ 18 milhões.

O sistema Coque 500, feito em parceria com a Teccom, especializada em tecnologia para combustão, teve início com a construção de uma planta para fabricação da emulsão, onde ocorre a mistura de combustíveis. Na primeira fase do projeto, a unidade de Niquelândia conseguia substituir até 15% do óleo 1A, com grandes variações de processo. Hoje 38% do óleo 1A pode ser substituído por coque de petróleo.

O combustível já era usado em outros processos da Usina de Niquelândia, mas a geração de gases com poder de redução, até então, só era possível com o uso do óleo combustível 1A. O coque, com poder calorífico da ordem de 8 mil kcal/kg, é atualmente considerado um dos combustíveis mais baratos do mercado, mesmo quando comparado ao óleo 1A, que tem poder calorífico de 9.650 kcal/kg.

O sistema Coque 500 possui dois tanques, sendo um de blendagem e outro de dosagem de combustíveis, com capacidade de fornecimento de 20 t/h de emulsão.

Com o novo projeto, o monitoramento de emissão de gases realizado em Niquelândia não detectou índices de emissões fora dos padrões legais. A partir dos resultados, foi depositada uma patente no Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI).

“Aumentamos o número de fornecedores e as possibilidades de negociação de insumos de maneira mais eficiente e com maior controle de qualidade”, disse o gerente-geral da unidade de Niquelândia da Votorantim Metais, José Maximino Ferron.

Segundo ele, outros projetos de eficiência energética estão sendo desenvolvidos pela empresa para minimizar os impactos do elevado custo da energia no processo produtivo.

O coque de petróleo é utilizado mundialmente como agente redutor na metalurgia de ferro e aço, a substância atende aos segmentos de produção de carbetos, obtenção de cal, e em outras aplicações industriais.

25-02/07/2014

PRODUÇÃO TECNOLÓGICA AVANÇA EM BH COM CENTRO DE INOVAÇÕES DA FIEMG

A aproximação entre academia e indústria, sempre reclamada, começa a tomar forma no complexo do Centro de Inovações e Tecnologia Senai/Fiemg (ex-Cetec), no Horto, em Belo Horizonte. Sob administração da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg) desde 2011, o parque de tecnologia já recebeu R\$ 40 milhões de um pacote que pode chegar a R\$ 300 milhões, com apoio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), para uma completa reestruturação do campus, com renovação de equipamentos, novos laboratórios e expansões das empresas instaladas.

“A nossa missão não é apenas desenvolver soluções para problemas apresentados pela indústria, mas, principalmente, antecipar essas demandas. Isso havia se perdido por falta de incentivo, mas agora miramos de novo para o mesmo fim”, afirma Margareth Spangler Andrade, diretora do Instituto de Inovação em Metalurgia e Ligas Especiais, instalado no parque.

Hoje, Margareth possui uma equipe de 13 pessoas, sendo sete delas doutores. O plano de expansão em curso prevê aporte de R\$ 31 milhões, que além somar mais 17 profissionais, vai substituir e ampliar os equipamentos usados nos laboratórios, que foram adquiridos em 1980.

O Instituto de Inovação em Metalurgia e Ligas Especiais tem parceria para receber alunos das universidades federais de Ouro Preto (UFOP) e de Minas Gerais (UFMG). Os clientes são gigantes como a Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração (CBMM), Votorantim, Gerdau e outros.

“O que acontece aqui é algo inédito no Brasil. É o único lugar onde há uma verdadeira articulação entre academia e indústria, com colaboração prática. Já precisei de um químico, fui ao Instituto Tecnológico de Química, e resolvi meu problema”, diz Tiago Maranhão, presidente da CSEM Brasil, empresa instalada no campus do Horto.

Revolução

Desde abril, quando chegou ao Centro de Inovações e Tecnologia, a CSEM já investiu algo próximo de R\$ 50 milhões. A empresa opera duas linhas de pesquisa e desenvolvimento, nas áreas de eletrônica orgânicas, onde desenvolveu células fotovoltaicas orgânicas que prometem revolucionar o mercado, e outra de circuitos cerâmicos. A CSEM emprega 40 profissionais de 12 nacionalidades diferentes.

Conforme já informou o presidente da Fiemg, Olavo Machado, existem conversas para atrair para o local empresas com Vale, CBMM, Petrobras, Vallourec e ArcelorMittal.

Biominas vai dobrar capacidade de incubar empresas

Em paralelo aos investimentos da Fiemg para reestruturar o parque tecnológico, empresas instaladas ampliam suas operações e confirmam a confiança no novo momento do Centro de Inovações e Tecnologia Senai/Fiemg. A Biominas, por exemplo, mantém lá a sua incubadora de empresas, a Habitat. Atualmente 14 empresas incubadas ocupam o total de área disponível, com 36 salas.

“O ‘novo Cetec’ abre novas oportunidades, com um ambiente mais empreendedor. Daqui de dentro podem surgir empresas a serem incubadas na Habitat. Temos percebido uma demanda muito alta e vamos começar ainda este ano um plano de investimentos que vai dobrar nossa capacidade de receber empresas”, diz o presidente da Biominas, Eduardo Emrich Soares.

Investimento

As obras, que devem começar este ano, terão custo de cerca de R\$ 10 milhões e duração de um ano e meio.

A área total ocupada pela Biominas é de 10 mil metros quadrados e a incubadora ocupa 3 mil metros quadrados. Os recursos para a expansão serão captados em bancos de fomento e agências federais e estaduais.

O presidente da Biominas destacou que a aproximação da indústria com a pesquisa é o grande diferencial do centro de tecnologia e inovação, e que o ambiente com uma cultura diferente abre novos horizontes.

Na mesma linha, Tiago Maranhão, da CSEM, avalia que, até então, se pensava a pesquisa e o desenvolvimento industrial de forma equivocada.

“Primeiro temos que parar de olhar para hoje e olhar para o futuro, para viabilizar cadeias de valor do futuro. Antes, no Brasil, se pensava, com relação a inovação, que se faria tudo sozinho, do começo ao fim. O que temos aqui no campus é uma ação colaborativa, que vai além do diálogo de ideias”, disse.

Centro de Inovações e Tecnologia Senai/Fiemg

Investimento: de R\$ 280 milhões a R\$ 300 milhões

Empresas instaladas: Embraer, Biominas, Csem

Institutos de Tecnologia: Alimentos e Bebidas Metalmecânica Automotiva, Ambiental Química

Institutos de Inovação: Processamento Mineral, Engenharia de Superfícies, Metalurgia e Ligas Especiais

Inauguração: 1972

Administração: Senai/Fiemg desde 2011

Pesquisas ambientais ganham novo fôlego

O Instituto Tecnológico de Meio Ambiente Senai/Fiemg ganhou novo fôlego ao aportar no Centro de Inovação e Tecnologia da Fiemg. O instituto é, hoje, referência para uma série de grandes empresas no desenvolvimento de soluções ambientais e prestação de serviços.

“O que sentimos é que estamos retomando o nosso objetivo e é inconteste que ganhamos novo ânimo com a chegada Fiemg. Haverá aqui uma real integração entre diferentes produtores de conhecimento e o empresariado mineiro já começou a perceber isso”, disse Marcos Bartasson Tannus, diretor do Instituto.

Modernização

Uma licitação de R\$ 2 milhões deverá permitir uma modernização nos equipamentos e a abertura de novos postos para pesquisadores.

Com uma equipe de 70 profissionais, incluindo agrônomos, biólogos, geógrafos e químicos, o Instituto Tecnológico de Meio Ambiente tem como clientes industriais empresas como Anglo American, Kinross, Votorantim, Ferrovia Centro-Atlântica (FCA) e outras.

Atende, também, a contratos com o governo, onde presta serviços para Fundação Estadual do Meio Ambiente (FEAM) e Instituto Mineiro de Gestão de Águas (Igam).

Para o Igam, por exemplo, o Instituto realiza a captação de amostra de água em 650 pontos do Estado, alguns a mais de 1.000 quilômetros de Belo Horizonte, para monitorar a qualidade das águas.

Com os clientes privados, existem diversos tipos de contrato, sendo os mais comuns os de auxílio no cumprimento de condicionantes que integram o processo de licenciamento ambiental.

“O que vejo como diferencial aqui é a integração para atender à demanda da indústria. Há contato entre os institutos e se eu preciso de algum profissional que não tenho no meu quadro, é quase certo que vou encontrar em um raio de 100 metros. Essa parceria gera soluções integradas e o empresário encontra tudo em um só lugar”, afirmou, Marcos Bartasson Tannus.

Fonte: Hoje em Dia

26-02/07/2014

Geologia & Salários

Nos últimos dias a mídia nacional muito tem falado sobre os salários de Geólogos. Recentemente a Globo fez uma reportagem colocando o Geólogo como o profissional mais bem pago do mercado com salário médio de R\$11.000/mês. Em outras matérias vimos salários acima de 20.000 Reais para Geólogos em cargos executivos. Já os órgãos estatais colocam o salário médio de Geólogo em R\$5.287 sem mestrado ou doutorado. Esses números devem ser entendidos corretamente pois refletem, também, a experiência do grupo de Geólogos analisados. De qualquer maneira eles ratificam a Geologia como uma das top tens no Brasil, sem nenhuma sombra de dúvida.

Mesmo quando discrepantes, essas matérias mostram uma realidade: o Geólogo é um dos profissionais mais bem pagos no mercado atual. Sou Geólogo e falo embasado em uma experiência de 42 anos: a Geologia não é uma profissão comum. Ela é muito mais do que um simples salário sendo uma das profissões mais interessantes e plenas que existem. Um bom Geólogo é um profissional diferenciado, com uma série de atributos que não são comuns a maioria das profissões. Se você não conhece a profissão, seus desdobramentos, áreas de atuação, pré-requisitos eu sugiro que, antes de optar por fazer o curso de Geologia que estude, com grande detalhe, o que é a Geologia e qual são os trabalhos que um Geólogo pode exercer dentro dela. É fundamental, também, que você saiba sobre o ambiente de trabalho do Geólogo. Sem esses conhecimentos você poderá descobrir, muito tarde, que não foi talhado para essa profissão.

Nas minhas empresas os salários de geólogo variam entre R\$12.000 a R\$46.000 por mês. A variância salarial é, naturalmente, devida a experiência e ao cargo exercido pelo Geólogo. Como essas empresas são junior companies esses números não devem ser considerados como representativos.

Os altos salários são encontrados, principalmente entre os Geólogos Executivos e os Consultores. Esses, são pagos por dia e recebem entre R\$1000 a R\$4000/dia o que pode superar o valor de R\$100.000/mês trabalhado. Os executivos, além de salários costumam receber, também, bônus e opções. Neste caso se a empresa tem uma subida significativa no seu valor de mercado, o executivo pode receber recompensas acima de milhão de dólar como prêmio.

Contada dessa forma a história parece irresistível. No entanto não são todos os Geólogos que irão chegar a este ponto, apenas alguns conseguirão. Para sua informação eu vou contar a minha “receita de bolo” para um bom salário. Se você acha que se enquadra ou que, melhor ainda, excede nos pontos listados abaixo, eu posso garantir que você não terá problema em conseguir um emprego de ponta na Geologia.

O que eu busco em um Geólogo é um misto de experiência, dinamismo, conhecimento, inteligência, empreendedorismo e coragem. Para mim um bom Geólogo vale muito mais do que o salário que recebe. O Geólogo bem sucedido deve, como primeiro objetivo, adicionar valor à empresa que o contrata. Ele deve ser criativo e ser capaz de mudar, para melhor, os rumos da empresa.

Um grande Geólogo de exploração mineral deve ir além e conseguir ver e entender, claramente, a diferença, nos estágios iniciais do projeto, entre um prospecto ganhador dos demais, que só irão fazer a empresa investir sem nenhum retorno econômico. O

bom Geólogo de exploração mineral consegue conectar a Geologia à economia vendo dólar onde outros somente veem rochas e minerais. Ele deve estar confortável nos mais diversos ambientes de trabalho, da selva ao deserto. Um bom Geólogo tem foco e uma enorme automotivação. Ele deve liderar, treinar e inspirar os membros de sua equipe.

Como você pode ver a receita acima está direcionada aos Geólogos de Exploração Mineral. Não fique triste se o seu perfil não é totalmente compatível pois a Geologia é ampla com inúmeras áreas de atuação passando por Geologia de Minas, Laboratórios, Universidades e Magistério, Geologia Marinha, Geofísica, Geoquímica, Geologia de Exploração, Astrogeologia, Geo-Engenharia, Geotécnica, Geologia Econômica, Sondagens Geológicas, Geologia Marinha, Vulcanologia, Geocronologia, Hidrogeologia, Sedimentologia, Geologia Estrutural, Geologia de Petróleo, Paleontologia, Geologia Isotópica, Petrologia, Petrografia, Paleoclimatologia, Geologia Ambiental, Analista de Bolsas de Valores e Entidades econômicas e muitas outras especializações.

Se todas essas opções ainda não forem o suficiente e você for ousado, quem sabe montar a sua própria empresa de Geologia e mergulhar de cabeça no mundo dos negócios internacionais e das bolsas de valores mundiais não seja o seu caminho? Lembre-se que você é o que você sabe!

Fonte: Website do Geólogo por Pedro Jacobi

27-03/07/2014

CFEM

Arrecadação cai quase 30% no semestre

Segundo dados do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), o Brasil arrecadou R\$ 912,15 milhões em Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (CFEM) no primeiro semestre deste ano, uma queda de 29,4% na comparação aos R\$ 1,29 bilhão obtido no mesmo período de 2013.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 659

28-03/07/2014

OURO

Justiça anula LA de projeto da Belo Sun no Xingu

A Justiça Federal anulou a licença prévia ambiental do projeto Volta Grande de Mineração, tocado pela empresa canadense Belo Sun. A companhia pretende instalar no rio Xingu, bem próximo ao local onde está sendo construída uma das barragens da hidrelétrica de Belo Monte, o maior projeto de extração de ouro do país.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 659

29-03/07/2014

SIDERURGIA I

CSN avalia ativos da Severstal nos EUA

A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) informou que participa de um processo de concorrência privada para eventual aquisição de ativos da siderúrgica russa Severstal nos Estados Unidos. No momento, a CSN faz avaliações e estudos relacionados à viabilidade de compra para uma futura proposta. Os ativos à venda da Severstal nos Estados Unidos são as usinas de aços planos em Michigan e no Mississippi, que podem valer até mais que US\$ 1,5 bilhão. Segundo analistas, a CSN poderia adquirir as usinas da Severstal para depois vendê-las, pois a CSN já possui ativos nos Estados Unidos.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 659

30-03/07/2014

CAPACITAÇÃO

Anglo promove quinto ciclo em MG

A Anglo American recebe inscrições, entre 30 de junho e 04 de julho, para o quinto ciclo de cursos de capacitação profissional, oferecidos no município mineiro de Conceição do Mato Dentro. A iniciativa é uma parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial de Minas Gerais (Senai-MG) e integra o Programa de Capacitação de Mão-de-Obra Local da empresa. Nesse ciclo, serão oferecidas 45 vagas para o curso de operador de equipamentos de mina. “Estamos na reta final de uma etapa fundamental, que é a preparação de jovens talentos da comunidade. Esses estudantes terão a oportunidade de operar nossos caminhões fora de estrada, com capacidade para 240 t, que serão responsáveis pelo primeiro carregamento de minério de ferro do Minas-Rio. Por isso, essa fase é de suma importância para a comunidade e também para a Anglo American”, ressalta Claudiana Silva, Gerente de Recursos Humanos da diretoria de Operação do Projeto Minas-Rio da Unidade de Negócio Minério de Ferro Brasil da Anglo American. A Anglo American ainda promoverá mais um ciclo de capacitação profissional até 2015. O objetivo da empresa é capacitar 557 pessoas em um total de seis ciclos.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 659

31-03/07/2014

Anglo American corre contra o tempo para concluir o Minas-Rio

Por **Ivo Ribeiro e Olivia Alonso** | De São Paulo

A multinacional de mineração Anglo American, que já foi símbolo na extração mundial de ouro e é líder global em diamantes e platina, corre contra o tempo para finalizar um

de seus projetos mais caros. A obra do Minas-Rio, de produção de minério de ferro em Minas Gerais e embarque no litoral do Rio, é o maior investimento da companhia no mundo e está com 90% do cronograma pronto. Mas ainda depende de três das quatro licenças de operação para dar partida. A direção da empresa tem a missão de resolver isso até o fim de agosto para conseguir fazer o primeiro embarque rumo à Ásia ou ao Oriente Médio até o fim do ano.

O investimento no Minas-Rio, que vai posicionar a Anglo American entre a meia dúzia de gigantes da mineração de ferro no mundo, em uma lista liderada pela brasileira Vale, é de US\$ 14 bilhões - sem considerar a baixa contábil de US\$ 4 bilhões feita no ano passado -, ou R\$ 30 bilhões. Esse valor inclui a aquisição dos ativos e sua implantação ao longo de sete anos.

Paulo Castellari, executivo brasileiro de 43 anos que desde o início de 2012 está à frente do projeto, diz estar confiante que o primeiro embarque, em um navio para 70 mil toneladas, vai ocorrer antes do fim do ano. "Já temos a licença de operação do porto e as outras três temos expectativa de receber antes do fim de agosto", afirmou.

Os órgãos ambientais de Minas Gerais devem fazer as vistorias técnicas nas áreas da mina e das instalações ainda em julho. Também são os responsáveis pela licença operacional da linha de transmissão de energia. Já o licenciamento para o mineroduto, que cruza os dois estados até chegar ao porto, está a cargo do Ibama.

A pressa da companhia faz todo o sentido. A Anglo está pagando muito dinheiro nesse projeto, que foi embalado dentro de uma estratégia de entrar no rentável negócio de minério de ferro em pleno boom mundial das commodities. As margens operacionais da atividade são umas das maiores da indústria mineral, em certos casos de até 70%. Ultimamente, minas boas e bem operadas rendem de 50% a 60%.

Envolta em uma ampla reorganização desde que Mark Cutifani assumiu a posição de principal executivo no lugar de Cynthia Carrol, responsável pela criação do Minas-Rio, a empresa quer parar de gastar e ver retorno do capital aplicado. Já enfrentou muitos atrasos da obra, cuja previsão inicial era de conclusão em 2010, e do aumento do investimento. O orçamento de implantação saltou dos US\$ 3 bilhões iniciais para US\$ 8,8 bilhões. Desse total, ainda faltam cerca de 15% para serem gastos, informa o executivo.

Cutifani e Castellari sabem bem que o retorno não virá tão cedo na medida que eles desejam e que tanto agradaria aos donos de ações da mineradora nas bolsas de Londres, cidade-sede da companhia, e de Johannesburgo, na África do Sul. A empresa prometeu aos seus acionistas globais que até 2016 terá retorno de no mínimo 15% sobre o capital empregado, considerando a média dos resultados de todos os seus negócios ao redor do mundo. É mais que o dobro dos 7% de 2012.

O Minas-Rio, admite Castellari, vai ser bem inferior a 15%. O projeto foi criticado desde o início, a começar pelo valor pago de mais de US\$ 5 bilhões ao empresário Eike Batista, quando ainda era apenas uma ideia na cabeça do empresário e um amontoado de concessões de jazidas em uma região não tradicional em minério de ferro em Minas Gerais. Há dois anos, por fim, custou o cargo de executiva-chefe de Cynthia Carrol.

Daqui a dois anos, quando atingir a produção anualizada de 26,5 milhões de toneladas, a receita dessa operação, nos níveis de preços de hoje, será de US\$ 2,6 bilhões - próximo de 10% do total da companhia, que no ano passado somou US\$ 29,3 bilhões.

Mas esse não é o principal indicador, observa Castellari. A geração de caixa, medida pelo Ebitda, esperada em até US\$ 1,5 bilhão, vai representar entre 20% e 30% do resultado operacional da Anglo. "Vamos ficar no mesmo nível da contribuição da África do Sul", diz o executivo brasileiro.

Naquele país, além de operações de diamantes, platina e carvão energético, a Anglo American já produz perto de 45 milhões de toneladas de minério de ferro em três minas operadas pela Kumba Iron Ore. Essa empresa, na qual detém o controle, com participação minoritária do governo local, é a maior mineradora de ferro do continente africano.

Admitindo que o Minas-Rio foi "uma aquisição audaciosa e cara" para a Anglo, Castellari observa, no entanto, que o projeto tem vários pontos positivos. O volume de recursos das jazidas em Conceição do Mato Dentro e Alvorada de Minas quintuplicaram entre a compra em 2007 da MMX, de Eike Batista. Eram até 2 bilhões de toneladas e atualmente estima-se 10 bilhões de toneladas, sendo 1,5 bilhão com reservas certificadas. "Isso nos permitirá, no futuro, dobrar a produção, e até triplicar".

O executivo aponta ainda o custo de operação, na faixa de US\$ 35 a tonelada, valor com produto posto no navio. Estima-se que o minério chegará aos seus clientes - metade siderúrgicas e metade pelotizadoras - pouco acima de US\$ 50 a tonelada.

Segundo ele, o produto final da Anglo será um pellet-feed (minério superfino) com altíssimo teor de ferro - 68%. E, por cima, com baixíssimo teor de sílica, de 1%, e de alumina, de 0,3%. Isso conta pontos na hora de fechar contratos. O minério do Minas-Rio, na forma de uma polpa, sairá de Conceição do Mato Dentro (MG) por meio de um mineroduto, quase todo subterrâneo, de 525 km de extensão, ao custo de operação de US\$ 2 a tonelada, ante US\$ 10 a US\$ 18 caso o transporte fosse realizado por uma ferrovia.

No terminal do Porto Açu, em São João da Barra, litoral do Rio, que será cativo, a commodity será filtrada e secada e dois embarcada em navios que no futuro levarão até 150 mil toneladas por viagem.

A Anglo é dona de 50% do terminal, em sociedade com a Prumo Logística, ex- LLX, que agora pertence à americana EIG. Essa obra, que depende ainda da finalização de um quebra-mar, até março deste ano, desde 2007, teve investimento total de R\$ 2,8 bilhões, segundo informações da Prumo.

O Minas-Rio envolveu 20 mil trabalhadores no auge da obra - a metade deles em Minas. O mineroduto cruza 27 municípios mineiros cinco do Rio e exigiu negociações com 1400 proprietários de terras. "Sem o mineroduto e o porto dedicado, essa mina seria difícil de existir", diz Castellari.

Idealizado em três fases, e alvo de rumores de que a Anglo buscou um sócio para o empreendimento no ano passado, para minimizar suas perdas - fato admitido por Cutifani -, todo o esforço do executivo brasileiro é voltado para pôr o projeto em operação. "Aqui, estamos focados em entregar o primeiro embarque de forma responsável no fim do ano". Falar em expansão, para ele, é prematuro. Admite um ganho de pouco mais de 10% no sistema instalado, indo a 30 milhões de toneladas ao ano.

Ao fim dessa fase, a empresa vai empregar no Minas-Rio cinco mil pessoas - cerca de 1,6 mil diretamente e 3,5 mil como subcontratados para diversas atividades relacionadas à operação do dia a dia. Castellari garante que 70% serão das regiões da mina e do porto.

A empresa informa que já desembolsou para os municípios ligados à obra R\$ 1,3 bilhão a título de impostos e outros recolhimentos de 2008 a 2012. Sem revelar valor, aponta Conceição do Mato Dentro como o maior beneficiado.

Sobre as críticas de que o projeto afetou comunidades no entorno e o meio ambiente da sua área de atuação, e de que não cumpriu todas as exigências para sua instalação, o executivo diz que "a empresa tem plena consciência de que o que foi prometido está sendo cumprido". "Algumas expectativas criadas podem não estar sendo atendidas. Fizemos um trabalho muito detalhado nas áreas social e ambiental", diz. **(Colaborou Marcos de Moura e Souza, de Belo Horizonte)**

32-03/07/2014

Executivo enfrenta maratona de viagens e reuniões

Por **Ivo Ribeiro e Olivia Alonso | De São Paulo**

Há dois anos e meio à frente do projeto Minas-Rio, o administrador de empresas Paulo Castellari Porchia tem dividido seu tempo entre o Brasil, no escritório da subsidiária da Anglo Americana em Belo Horizonte, em visitas às obras de instalação do Minas-Rio em Conceição do Mato Dentro, do terminal de embarque no Porto Açu, e a sede do grupo em Londres.

O executivo, de 43 anos, que preside a Unidade de Negócio Minério de Ferro Brasil (criada em 2007), vive uma verdadeira maratona de viagens. "No ano passado, eu fiquei dentro de avião a cada 1,2 dias", disse Castellari em entrevista ao **Valor** na segunda-feira. Ele tem uma carreira construída na multinacional desde 1996, onde entrou na área financeira.

Graduado em Administração pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), Castellari tem MBA em planejamento estratégico pela London Business School.

Entre suas tarefas diárias estão todo o acompanhamento da execução das obras do projeto, relacionamento com partes externas (como governo, autoridades, e comunidades) e em reuniões em Londres com os membros do comando executivo e conselho administrativo, acionistas e analistas de mercado. "Como membro do Comitê Executivo da companhia, passo 30% do tempo com os colegas de Londres, presencial ou por teleconferência", relata.

Com uma agenda apertadíssima, ele informa que no ano passado teve cem encontros, planejados um a um, com cem diferentes grupos de governo para tratar de questões que envolviam o bilionário projeto Minas-Rio.

A trajetória do executivo na multinacional anglo-sul-africana passa pelas áreas de desenvolvimento de negócios, otimização de ativos e finanças corporativas e pela liderança do centro de excelência da antiga divisão Metais Básicos, em Londres. Em 2011, Castellari foi escalado como diretor comercial da Anglo American no Brasil e sob sua responsabilidade estavam as áreas de estratégia, desenvolvimento de negócios, marketing & vendas e suprimentos.

Conforme a empresa, antes de integrar a divisão de minério de ferro Brasil, Castellari ocupou a presidência de nióbio e fosfato, outra unidade de negócio do grupo no país que, recentemente, foi incorporada à de níquel.

"Minha missão é entregar o Minas-Rio dentro do orçamento e prazo, de forma responsável e segura", diz Castellari. Ele acredita que, concluído e em operação normal, vai refletir no preço da tão penalizada ação da Anglo.

33-03/07/2014

Preço deve ficar acima de US\$ 90 até 2016

Por **Olivia Alonso | De São Paulo**

Quando chegar ao mercado, o minério de ferro do Minas-Rio encontrará preços internacionais praticamente iguais ao atual, se confirmadas as projeções de analistas que acompanham o setor de mineração. Ontem, a commodity foi negociada a US\$ 94,70 a

tonelada no mercado à vista da China, e as estimativas de onze bancos consultados pelo **Valor** indicam preços de US\$ 97 em 2015 e de US\$ 98 em 2016.

Mesmo uma eventual aceleração da demanda da China - responsável por 66% das importações globais do produto em 2013 -, não deve levar os preços às alturas, segundo os analistas. Diferentemente de anos anteriores, quando a cotação caía, mas retornava a patamares superiores a US\$ 140 por tonelada, há uma mudança estrutural no mercado por causa do aumento da produção global.

Além da Anglo, as maiores mineradoras do mundo - Rio Tinto, Vale, BHP Billiton e Fortescue Metals - estão com novos projetos encaminhados. Isso elevará a oferta e dificultará arrancadas de preços de agora em diante.

Assim, os analistas estimam um adicional de cerca de 180 milhões de toneladas neste ano e de perto de 130 milhões no ano que vem. E assim como o Minas-Rio, os novos projetos dessas companhias têm custos de produção mais baixos - em geral, na casa dos US\$ 30 por tonelada -, o que acaba reduzindo o patamar de preços globais. Nos primeiros seis meses deste ano, o preço de referência para o minério com concentração de 62% de teor de ferro caiu 30%.

Apesar de as previsões para o futuro indicarem preços bem inferiores à média de US\$ 135 de 2013 - e ainda mais distantes do pico de US\$ 159 em fevereiro do ano passado -, o preço esperado garante a atratividade do projeto da Anglo, diz Paulo Castellari, presidente da unidade de negócio de Minério de Ferro da empresa no Brasil. Segundo ele, o custo de produção do minério extraído de Conceição do Mato Dentro (MG) será de US\$ 35 por tonelada até o porto. Somando US\$ 18 por tonelada estimados para o frete internacional, ainda restam US\$ 45 por tonelada para a companhia. "Seremos bastante competitivos. E vamos trabalhar para manter o custo em US\$ 35 por tonelada", diz Castellari.

Por outro lado, apesar de não irem às alturas, os preços também não deverão desabar, dizem os analistas. As quedas devem ficar limitadas ao patamar de US\$ 80 por tonelada, já que muitos produtores globais ainda têm altos custos de produção, principalmente na China. Com o preço de hoje, muitos já estão sendo forçados a deixar o mercado, diz Castellari. Ele afirma que, por essa razão, não espera um preço muito mais baixo do que o de hoje no longo prazo.

O executivo acrescenta que a tendência é de teores de ferro cada vez mais baixos nas operações antigas. Na China, afirma, já houve uma forte queda do teor médio das minas nos últimos anos. De 40% em 2003, passou a uma concentração de 20% em 2011. Para 2018, há previsão de 10% a 15%. No Minas-Rio, diz, o teor fica entre 35% e 40% nas frentes de lavra. E produto final com 68%.

Preço deve ficar acima de US\$ 90 até 2016

Por **Olivia Alonso** | De São Paulo

Quando chegar ao mercado, o minério de ferro do Minas-Rio encontrará preços internacionais praticamente iguais ao atual, se confirmadas as projeções de analistas que acompanham o setor de mineração. Ontem, a commodity foi negociada a US\$ 94,70 a tonelada no mercado à vista da China, e as estimativas de onze bancos consultados pelo **Valor** indicam preços de US\$ 97 em 2015 e de US\$ 98 em 2016.

Mesmo uma eventual aceleração da demanda da China - responsável por 66% das importações globais do produto em 2013 -, não deve levar os preços às alturas, segundo os analistas. Diferentemente de anos anteriores, quando a cotação caía, mas retornava a patamares superiores a US\$ 140 por tonelada, há uma mudança estrutural no mercado por causa do aumento da produção global.

Além da Anglo, as maiores mineradoras do mundo - Rio Tinto, Vale, BHP Billiton e Fortescue Metals - estão com novos projetos encaminhados. Isso elevará a oferta e dificultará arrancadas de preços de agora em diante.

Assim, os analistas estimam um adicional de cerca de 180 milhões de toneladas neste ano e de perto de 130 milhões no ano que vem. E assim como o Minas-Rio, os novos projetos dessas companhias têm custos de produção mais baixos - em geral, na casa dos US\$ 30 por tonelada -, o que acaba reduzindo o patamar de preços globais. Nos primeiros seis meses deste ano, o preço de referência para o minério com concentração de 62% de teor de ferro caiu 30%.

Apesar de as previsões para o futuro indicarem preços bem inferiores à média de US\$ 135 de 2013 - e ainda mais distantes do pico de US\$ 159 em fevereiro do ano passado -, o preço esperado garante a atratividade do projeto da Anglo, diz Paulo Castellari, presidente da unidade de negócio de Minério de Ferro da empresa no Brasil. Segundo ele, o custo de produção do minério extraído de Conceição do Mato Dentro (MG) será de US\$ 35 por tonelada até o porto. Somando US\$ 18 por tonelada estimados para o frete internacional, ainda restam US\$ 45 por tonelada para a companhia. "Seremos bastante competitivos. E vamos trabalhar para manter o custo em US\$ 35 por tonelada", diz Castellari.

Por outro lado, apesar de não irem às alturas, os preços também não deverão desabar, dizem os analistas. As quedas devem ficar limitadas ao patamar de US\$ 80 por tonelada, já que muitos produtores globais ainda têm altos custos de produção, principalmente na China. Com o preço de hoje, muitos já estão sendo forçados a deixar o mercado, diz Castellari. Ele afirma que, por essa razão, não espera um preço muito mais baixo do que o de hoje no longo prazo.

O executivo acrescenta que a tendência é de teores de ferro cada vez mais baixos nas operações antigas. Na China, afirma, já houve uma forte queda do teor médio das minas

nos últimos anos. De 40% em 2003, passou a uma concentração de 20% em 2011. Para 2018, há previsão de 10% a 15%. No Minas-Rio, diz, o teor fica entre 35% e 40% nas frentes de lavra. E produto final com 68%.

35-03/07/2014

HOLCIM CONCLUI PROJETO DE RECUPERAÇÃO DE MINAS DE CALCÁRIO EM AGOSTO

A Holcim Brasil informou que recuperou totalmente as áreas das minas de calcário Ipanema e Felicíssimo, em Iperó (SP). A empresa vai finalizar o projeto de recuperação das minas em agosto deste ano e aguarda a aprovação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis (Ibama). Uma vez aprovadas, as áreas serão entregues ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio).

O fechamento das minas e início do plano de recuperação das áreas, com base no plano aprovado pelo Ibama e ICMBio, teve início em 2001 e previa a recuperação de 51 hectares. Desde então, a Holcim investiu cerca de US\$ 3 milhões para restabelecer o equilíbrio ambiental, físico e químico do local.

A primeira fase consistiu na recuperação de duas pilhas de estéril. A segunda fase consiste na implantação do Plano de Fechamento das Minas, aprovado pelo IBAMA/ICMBio, com base no diagnóstico ambiental e zoneamento das áreas. Os monitoramentos dos trabalhos realizados estão previstos para serem concluídos em agosto de 2014.

Foram plantadas 91 mil mudas, usando 60 espécies nativas da Mata Atlântica. Entre as ações realizadas, estão o desmonte de construções e remoção dos resíduos sólidos; a construção de um mirante para observação da fauna e flora e o reflorestamento das minas

Segundo a Holcim, o trabalho de recuperação realizado pela companhia é considerado pelo Ibama como um modelo na recuperação de áreas de mineração desativadas. As minas de calcário ficam na Floresta Nacional de Ipanema, que é patrimônio histórico e administrada pelo Ibama.

“Isso só reforça nossa atuação dentro do conceito de mineração responsável e sustentável, produzindo o menor impacto possível na natureza e permitindo que gerações futuras desfrutem dos recursos naturais, garantindo melhor qualidade de vida para a sociedade”, disse Luiz Claudio Nepomuceno, gerente de Mineração e Geologia da Holcim Brasil.

Após a conclusão dos trabalhos e parecer técnico favorável do Ibama e ICMBio, estas áreas serão reintegradas à floresta, sob a administração do Ministério do Meio Ambiente.

A Holcim Brasil faz parte do grupo suíço Holcim, que tem operações em cerca de 70 países. A empresa teve faturamento líquido de R\$ 1,64 bilhão no ano passado e conta com 1,7 mil empregados. A Holcim tem capacidade de produção de 5,3 milhões de toneladas de cimento por ano.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

36-03/07/2014

CHILE VAI FAZER MAPA GEOQUÍMICO DE TODO O PAÍS

O Chile avança na prospecção mineral. O governo chileno já está elaborando o Mapa Geoquímico do Chile, um trabalho de suporte à mineração e à pesquisa mineral que cobrirá todo o território.

Esse mapa terá 12 cartas e custará US\$260 milhões. No processo serão analisados 59 elementos químicos em uma densidade de 1 amostra por cada 20km². As cartas serão apresentadas na escala 1:250.000 e cada carta cobrirá um retângulo de 100 x 130km.

Os chilenos acreditam que cada dólar investido dará um retorno de, pelo menos 11 dólares para o país.

As cartas serão fundamentais para a descoberta de novos jazimentos e províncias minerais bem como na avaliação do meio ambiente e da poluição. Uma das novidades é a inclusão dos elementos do grupo terras-raras entre os 59 elementos.

Fonte: Geólogo

37-03/07/2014

ENGENHARIA DE SUPERFÍCIE É TEMA DE WORKSHOP NO CONGRESSO ANUAL DA ABM

A cidade de São Paulo sediará o 1º Workshop de Tratamentos de Superfícies de Ligas Resistentes à Corrosão, como parte da programação do 69º Congresso Anual da Associação Brasileira de Metalurgia, Materiais e Mineração (ABM) - Internacional, de 21 a 25 de julho. O evento é resultado de um Projeto da Fapesp, em pesquisa conjunta entre os departamentos de Engenharia Metalúrgica e de Materiais da Escola Politécnica da USP (Epusp) e da University of Birmingham (Inglaterra), no desenvolvimento de tecnologias de tratamento superficial utilizando tecnologia de plasma.

De acordo com os coordenadores do evento, André Paulo Tschiptschin, professor titular do Departamento de Engenharia Metalúrgica e de Materiais da Epusp e coordenador do Tribes - Núcleo de Apoio à Pesquisa em Tribologia e Engenharia de Superfícies, e Carlos Eduardo Pinedo, doutor em Ciências e diretor-técnico da Heat Tech - Tecnologia

em Tratamento Térmico e Engenharia de Superfícies, o tema tem crescido em importância como um meio de modificar a estrutura superficial de componentes tradicionais e, por consequência, suas propriedades, conferindo-lhes uma nova condição de desempenho com ganho considerável de vida.

"Os trabalhos que serão apresentados no Workshop são inovadores. Isso porque a tecnologia de endurecimento superficial de aços inoxidáveis ainda se encontra em processo de introdução no setor produtivo", explica Pinedo. Segundo André Paulo, os participantes terão uma excelente oportunidade para conhecer as novas tecnologias disponíveis para elevar o desempenho de ligas resistentes à corrosão, através da modificação microestrutural de sua superfície. "No evento, serão expostos e discutidos importantes resultados de pesquisa obtidos pelos principais especialistas nacionais e internacionais da área", complementa.

O professor Hanshan Dong e a dra. Xiaoying Li, da University of Birmingham, serão destaque no Workshop. Além deles, participarão outros renomados pesquisadores, entre eles Clodomiro Alves, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa), e Ana Sofia Clímaco Monteiro de Oliveira, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), ambos ligados ao Instituto Nacional de Engenharia de Superfícies.

Os coordenadores do Workshop também divulgarão os principais resultados das pesquisas realizadas em conjunto no Projeto Cooperativo, financiado pela Fapesp, sobre a utilização de tratamentos superficiais de difusão sob plasma em ligas inoxidáveis. Haverá ainda apresentações técnicas (orais e de pôsteres) de elevado nível acadêmico e tecnológico.

O evento é dirigido aos profissionais da siderurgia e a todo público da indústria de manufatura, tais como: petróleo e gás, petroquímica, química, farmacêutica, alimentícia, papel e celulose, biomateriais, cutelaria, ferramentaria, automotiva e aeronáutica.

Programação especial de aniversário - Além do 1º Workshop de Tratamentos de Superfícies, o 69º Congresso Anual - que integra as comemorações dos 70 anos da ABM - sediará o Pan American Materials Conference, o 1st Brazilian-German Symposium on Materials Science and Engineering, e o 14º Enemet - Encontro Nacional de Estudantes de Metalurgia, Materiais e de Minas.

Mais informações no portal ABM: www.abmbrasil.com.br/workshop

Fonte: ABM

38-03/07/2014

MINERADORAS ESTÃO ENTRE AS EMPRESAS MAIS VERDES DO MUNDO

A revista americana "Newsweek" divulgou a lista das 500 empresas mais verdes do mundo, classificadas sob os aspectos ambiental, de governança e de sustentabilidade

corporativa. Nove mineradoras estão presentes na lista, entre elas a Vale, que aparece na frente de Rio Tinto, Anglo American, Holcim, Glencore, entre outras empresas do setor.

A Newsweek considera critérios como produção de energia, carbono e água, geração de resíduos, reputação, comitê de sustentabilidade e auditoria. A Vale ocupa o 171º lugar no ranking, a melhor colocação entre todas as mineradoras classificadas.

Seguida da mineradora brasileira, está a Glencore, que aparece em 193º lugar e a Anglo American, em 252º. A Holcim ocupa a 257ª posição, a americana FreePort-McMoRan Copper & Gold ficou na 285ª posição e a canadense Potash Corp of Saskatchewan é a 294ª da lista.

A Rio Tinto aparece em 302º lugar, seguida da nigeriana Dangote Cement, em 454º, e da americana Southern Copper, última entre as mineradoras, na 466ª posição. O ranking foi elaborado em parceria com a Corporate Knights Capital, empresa canadense de consultoria.

A empresa brasileira mais bem posicionada é o Itau Unibanco Holding, que aparece em 19º lugar, seguido do Banco Santander Brasil, na 84ª posição, e do Banco Bradesco, que ocupa a 187ª colocação. Também integram o ranking o Banco do Brasil, no 206º lugar, a Petrobras, em 275º, e a Ambev, que ficou na 484ª posição. Desde 2008, a Vale investiu quase US\$ 7 bilhões em atividades que vão desde o reflorestamento e reabilitação de áreas degradadas na Amazônia a projetos sociais envolvendo comunidades. Para 2014, a mineradora prevê investimentos da ordem de US\$ 975 milhões em projetos sociais e programas de proteção e conservação ambiental.

Em 2013, a empresa obteve a maior pontuação de transparência entre as empresas da América Latina na avaliação do questionário do Carbon Disclosure Project (CDP) e, pelo quarto ano consecutivo, foi listada no Índice de Sustentabilidade Empresarial da Bolsa de Valores de São Paulo (ISE/Bovespa). Com informações da Newsweek.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

39-03/07/2014

CENTRO DE INOVAÇÃO E TECNOLOGIA DE BH VAI RECEBER TRÊS GIGANTES

Levantamento da Havard Business Review apontou que a inovação é responsável por 38% das receitas e 61% do lucro das empresas no mundo. Diante desse argumento, não é difícil entender o motivo de Vale, Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração (CBMM) e Votorantim Metais estarem de malas prontas para o Centro de Inovação e Tecnologia Senai/Fiemg, no Horto, conforme revelou nessa quarta-feira (02) o diretor-executivo do parque, José Policarpo Gonçalves de Abreu. Há, ainda, negociações com

uma multinacional, segundo o presidente da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg), Olavo Machado, que manteve o nome da empresa em sigilo.

A fabricante portuguesa de semicondutores Nanium, que chegou a abrir filial em Belo Horizonte, a Nanium Holding, também estaria de olho em áreas dentro do Centro de Inovação e Tecnologia. O negócio da empresa estaria atrelado ao plano do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) e Ministério de Ciência e Tecnologia e Inovação (MCTI) de implantar, no Centro de Inovação e Tecnologia, um núcleo de pesquisa em semicondutores. Representantes do ministério já visitaram o local.

As três empresas instaladas no Centro de Inovação e Tecnologia – CSEM, Biominas e Embraer – também já solicitaram à administração do parque áreas para expansão, e todas foram atendidas. No caso da fabricante de aeronaves, o quadro atual de funcionários vai saltar de 120 engenheiros empregados para 220 em 2015. A Biominas vai dobrar sua capacidade de incubação, com aporte de R\$ 10 milhões, e a CSEM Brasil, que desenvolve uma película fotovoltaica orgânica, está em processo de aquisição de novos equipamentos.

“O esforço é para sair da economia básica, de commodities, para a nova economia”, disse o presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), Mário Neto Borges. Segundo ele, esse movimento está em curso, com Minas Gerais recebendo anualmente 1.300 doutores de outras regiões do país e do mundo, mas que são necessários mais investimentos, tanto públicos como privados.

Ele apresentou dados do MCTI que revelam que o Brasil investe por ano em Ciência, Tecnologia e Inovação o equivalente a 1,13% do Produto Interno Bruto (PIB), sendo 0,54 ponto percentual oriundo da iniciativa privada, e 0,59 ponto percentual, do poder público. Na Coreia do Sul, onde são aportados 4% das riquezas do país nesse segmento, três pontos percentuais saem da indústria, e um ponto percentual, das empresas e instituições privadas.

“Esse Centro é o que muitas vezes a gente fala e parece que fica só no discurso. Temos que sair da reclamação e do choro de dizer que não investimos por causa dos altos impostos e começar a fazer. Aqui, estamos fazendo”, afirmou o presidente da Fiemg, Olavo Machado.

Fonte: Hoje em dia

40-03/07/2014

Participação da mineração na economia brasileira é cada vez maior

Atualmente, a mineração é uma das principais atividades econômicas do nosso país. No entanto, para que o setor atingisse a importância que tem atualmente, foi preciso

percorrer um longo caminho. Além de ser nosso principal negócio, a mineração no Brasil tem uma história muito rica a ser contada. Começemos pelo início, até meados dos anos 80.

A trajetória da mineração brasileira começou praticamente junto com o descobrimento do país, há 500 anos. Logo após a chegada dos portugueses, o governo lusitano incentivou várias expedições para buscar ouro e pedras preciosas, principalmente em áreas mais distantes do litoral brasileiro. Essas tentativas foram, em grande parte, decepcionantes. Apenas na segunda metade do século XVII foram descobertas jazidas de ouro maciças nas montanhas do que hoje é o estado de Minas Gerais. Sem planejamento, por volta do século XIX, as jazidas se esgotaram e não houve registro de novas técnicas que permitissem descobrir e explorar uma gama mais ampla de minerais. Após a independência, quando o Brasil virou uma monarquia, novas minas foram descobertas, mas o cenário se repetiu.

Considerada uma das exceções no país, a Mina de Urucum, especializada na extração de minério de ferro e manganês, é uma das únicas a ter dois bens minerais em uma única morraria. A produção da mina gira em torno de 2.5 milhões de toneladas de minério de ferro e cerca de 800 mil toneladas de manganês. O produto é exportado para a Argentina e países europeus por vias terrestre e fluvial. Esse volume pode se tornar ainda maior com a expansão subterrânea de manganês, prevista para acontecer nos próximos anos.

O panorama da mineração no Brasil mudou a partir do século XX, principalmente entre as décadas de 1930 e 1980. Naquela época, a mineração foi desenvolvida a partir de uma política governamental, baseada principalmente em subsídios, ou seja, incentivos financeiros diretos do governo ao setor. Isso serviu para criar a base de uma economia industrial, mas por outro lado, surtiu alguns efeitos negativos sobre a eficiência e o crescimento da mineração. Apesar do surgimento de tecnologias mais potentes no plano internacional, por exemplo, apenas uma pequena parte do imenso potencial mineral do Brasil foi identificado. Para se ter uma ideia, a contribuição da mineração para a produção total e PIB do país, que era de 0,4% em 1950, subiu para cerca de 1,0% em 1980, segundo o Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM). A efetiva produção de minério de ferro de Carajás pela Vale, a partir de 1984, entre outros fatores, iria contribuir nos anos seguintes para mudar esse cenário.

A história da mineração se confunde muitas vezes com a história da Vale: conheça o livro Nossa História, que traz os capítulos mais importantes da nossa trajetória.

Fonte: www.vale.com

41-04/07/2014

HYDRO COMPRA PARTICIPAÇÃO DA RIO TINTO ALCAN EM PLANTA DE ALUMÍNIO NA NORUEGA

A Norsk Hydro assinou um contrato para adquirir os 49% da planta de alumínio de Soral, na Noruega, que pertenciam a Rio Tinto Alcan. Com o acordo, a planta se tornará a quinta unidade 100% operada pela Hydro no País. A planta de Soral tem capacidade

de produção anual de 180 mil toneladas métricas de alumínio primário. “Soral tem uma boa média de custos de operação, quando comparada as outras unidades da Hydro na Noruega. O controle acionário permite o fortalecimento das operações”, disse o vice-presidente executivo e chefe de Metais Básicos da Hydro, Hilde Merete Aasheim. O acordo ainda depende da aprovação de autoridades da Noruega e da França, prevista para o segundo semestre.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

42-04/07/2014

PORTO VELHO SEDIA FÓRUM DE MINERAÇÃO

Na próxima segunda-feira (07), a partir das 8h às 13h, será realizado o “II Fórum de Mineração de Rondônia e da Amazônia”. O evento vai ocorrer no auditório da UNIR – Centro [Universidade Federal do Estado de Rondônia].

A realização é da Cooperativa de Garimpeiros, Mineração e Agro-florestal [MINACOOOP], com apoio da Universidade Federal de Rondônia [UNIR], mais parceiros institucionais

Entre os temas a serem discutidos no painel estão “A contribuição da UNIR para atividades sustentáveis na mineração”; como legalizar áreas de extração mineral junto ao DNPM [Departamento Nacional de Produção Mineral]; “Tecnologias disponíveis para a atividade mineraria no Brasil e no mundo”, além de “as dificuldades encontradas e soluções para licenciamento ambiental”, tema a ser proferido pelo secretário Adjunto da SEDAM, Francisco Sales.

Fonte: NewsRondônia

43-04/07/2014

Os efeitos colaterais dos preços do minério de ferro: Labrador Iron fecha as suas minas. Outras minas canadenses poderão também fechar

A canadense Labrador Iron Mines não aguentou a queda dos preços do minério e fecha as portas de suas operações em 2014. A mineradora acredita que poderá voltar à produção em 2015. A empresa já vinha claudicando, com custos operacionais demasiadamente elevados e com prejuízos da ordem de 100 milhões de dólares de março a março.

A crise não irá poupar ninguém que não tenha feito o dever de casa: baixar os custos e otimizar suas operações. No Canadá, segundo o Morgan Stanley, os custos médios de produção da tonelada de minério de ferro é de US\$80. Um custo elevadíssimo quando comparados com os das empresas líderes, Vale, Rio e BHP. Se os preços não

estabilizarem ou voltarem à patamar acima de US\$100/t veremos um futuro funesto para essas mineradoras canadenses.

Se você é um investidor pesquise qual é o all-in cash cost da empresa (s) que está investindo. Se estiver marginal fuja!!!

Fonte: Geólogo

44-04/07/2014

É guerra!!! Grandes mineradoras querem quebrar a concorrência

Todos sabíamos que esse dia iria chegar. Só não sabíamos que estava tão perto. Com a queda de mais de 30% nos preços do minério de ferro finalmente surgiu uma oportunidade maquiavélica para as grandes mineradoras: aumentar a produção de minério de qualidade, inundar o mercado, e exterminar completamente a concorrência. É o que as três grandes, a Vale, BHP e Rio Tinto estão fazendo. Elas aceleraram a produção e estão colocando novas minas e expansões em produção, criando um tsunami de minério de ferro de qualidade muito mais barato do que o minério que a maioria dos concorrentes consegue produzir.

É a guerra do minério de ferro!!! A lei do mais forte!

Nesta guerra, que já começou, só estarão seguros aqueles cujo all-in cash cost ficar abaixo de US\$50/t. Os mineradores chineses, que estão com custos acima de US\$105/t já estão praticamente mortos. Neste grupo incluem-se muitos mineradores indianos. Minas estão sendo fechadas as dúzias na China e começam a ser fechadas, também, na Austrália, Canadá, Indonésia, Filipinas e Índia. Até gigantes como a Fortescue, com custo médio de US\$70/t, já começam a ficar acuadas.

Será uma hecatombe, cujo efeito dominó irá se alastrar por todos os cantos do planeta.

No fim do período o mercado será depurado e só restarão as três grandes e aquelas outras mineradoras com baixo custo operacional e minas de alta qualidade.

É irônico: para as três grandes mineradoras a queda dos preços está sendo uma benção. Já para os chineses, que sempre quiseram baixar os preços do minério de ferro, será uma verdadeira maldição, pois eles verão a sua mineração se desintegrar e desaparecer.

Fonte: Geólogo

45-04/07/2014

Cade aprova transferência de reserva mineral da Vale para Sa

SÃO PAULO (Reuters) - O Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) aprovou, sem restrições, a transferência de reserva mineral para exploração de minério de ferro da Vale para a Samarco Mineração, empresa que pertence aos grupos Vale e BHP Billiton.

O aval foi publicado em despacho no Diário Oficial da União desta sexta-feira.

A Samarco, na qual Vale e BHP possuem igual participação, comercializa pelotas de minério de ferro voltadas para o mercado externo.

Segundo documento submetido pelas empresa ao Cade, a Vale fará a transferência da reserva total à Samarco, por meio do arrendamento parcial de certos direitos minerários (Direito Minerário Conta História Norte e Direito Minerário Alegria).

Em contrapartida, a BHP e a BHP Billiton Metais farão a cessão de outros direitos para a Vale (Direito Minerário Itajuru e Direito Minerário Pitangui).

"Considerando as duas transferências realizadas e o fato de que o potencial total estimado transferido pela Vale à Samarco é mais do que o dobro do potencial total estimado recebido pela Vale da BHP, tem-se que a operação representa, de fato, uma pequena desconcentração nas reservas de minério de ferro detidas pela Vale, equivalente ao acréscimo das reservas detidas pela Samarco", completaram as companhias.

(Por Marcela Ayres)

46-04/07/2014

CHALCO E JINJIANG INVESTEM US\$ 3,8 BI EM PROJETO DE ALUMÍNIO NA CHINA

A Aluminum Corporation of China (Chalco) e o Jinjiang Group assinaram um acordo para a construção de uma nova planta de alumínio em Qingzhen, sudoeste da China. O investimento do projeto será de US\$ 3,8 bilhões, sendo US\$ 2,8 bilhões por empréstimos bancários. A Chalco terá 60% de participação, os 40% restantes ficarão com o Jinjiang. O prazo de finalização do projeto de Qingzhen é de um ano. A nova planta poderá alcançar a capacidade de 800 mil toneladas por ano. Segundo representantes da Chalco, além da planta de alumínio, o acordo entre as empresas pode envolver projetos de bauxita.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

47-04/07/2014

URALKALI AUMENTA PRODUÇÃO DE KCL EM 33% NO PRIMEIRO SEMESTRE

A Uralkali divulgou ontem (3) os resultados do primeiro semestre e do segundo trimestre de 2014. Nos primeiros seis meses do ano, a mineradora russa produziu 6 milhões de toneladas de cloreto de potássio (KCl), um aumento de 33,3% em relação ao mesmo período em 2013.

No segundo trimestre deste ano, a Uralkali produziu 3,1 milhões de toneladas de KCl, um aumento de 29% na comparação com o mesmo período em 2013. A empresa mineradora russa é um dos maiores produtores e exportadores de potássio do mundo. Os ativos da companhia são cinco minas e sete usinas de minério nas cidades de Berezniki e Solikamsk, ambas na Rússia.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

48-04/07/2014

GOVERNO CONFIRMA CHEGADA DE MINERADORA EM SERGIPE

No Brasil, presente nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, especializada em minerais não-metálicos, a Mineração Jundu é associada ao grupo de origem francesa Saint-Gobain - indústria vidreira já implantada em Sergipe, hoje controlada pelo grupo Belga SCR-SIBELCO - e produz areias-base, areias especiais, sílica moída, areias cobertas para o processo Shell molding, calcário e dolomita. A intenção da indústria em Sergipe é fornecer matéria prima para a Saint-Gobain no estado e, futuramente, para outros estados do Nordeste.

O investimento inicial do projeto é de R\$15 milhões, com previsão de instalação da fábrica para o início de julho de 2015. Durante a apresentação, a empresa demonstrou interesse em ampliar os negócios em Sergipe. “De início usaremos matéria prima da Bahia, mas em 2016 esperamos usar matéria prima daqui”. São 70 pessoas trabalhando na obra, 30 pessoas trabalhando na primeira fase e quarenta pessoas trabalhando na segunda fase. Para trabalhar na empresa, nós buscamos mão de obra local, que receberá o treinamento em São Paulo”, disse o Gerente de EHS da empresa, Ricardo Franzin.

A empresa também apresentou a preocupação em relação ao meio ambiente. “A água será utilizada em circuito fechado, aproveitando os declives do terreno e estão sendo tomados os cuidados com a geração de poeira. Trabalhamos com isso há 20 anos e nunca tivemos casos de problemas de saúde ligados à nossa indústria. Achamos que aqui, a solução é um chuveiro para evitar a flotação”, complementou Ricardo Franzin.

Segundo o secretário Saumíneo Nascimento, esta é uma pauta acompanhada pelo governador Jackson Barreto e disponibiliza a Sedetec como ponte da relação entre a

empresa e o Estado de Sergipe. “A chegada da Jundu é uma ampliação de oferta para a sociedade. No aspecto interno, estamos à disposição, bem como outros órgãos do Estado. Nosso interesse é que sejam bem acolhidos”, conclui.

A reunião também contou com a presença do secretário municipal da Indústria e Comércio de Estância, Martinho Barreto, além dos representantes da Companhia de Desenvolvimento Econômico de Sergipe (Codise) Johelino Magalhães, diretor de recursos minerais; Elivaldo Silva Simões, diretor administrativo e financeiro; e João Lima, diretor de industrialização. De acordo com a apresentação da Jundu, o projeto está avançado em relação à prefeitura de Estância e a reunião seria uma forma de apresentar à Sedetec as pessoas envolvidas e o projeto em si.

Fonte: Jornal da Cidade

49-04/07/2014

INSCRIÇÕES ABERTAS PARA O 8º CONGRESSO BRASILEIRO DE MINA A CÉU ABERTO

Já estão abertas as inscrições para o 8º Congresso Brasileiro de Mina a Céu Aberto, realizado pelo **Instituto Brasileiro de Mineração - IBRAM**. O evento é realizado a cada dois anos. Patrocinado pela Vale, o encontro reúne, simultaneamente, o Congresso Brasileiro de Mina a Céu Aberto e o Congresso Brasileiro de Mina Subterrânea.

O fórum é composto por conferência magna, plenárias, sessões técnicas, workshop, debates, apresentação e premiação de trabalhos técnicos relativos à mineração. Além disso, também é oferecido um espaço para exposição de marcas, produtos e equipamentos por parte dos patrocinadores.

Entre as principais finalidades do congresso está a promoção de um intercâmbio de ideias entre estudantes, professores, pesquisadores, autoridades, executivos e profissionais ligados ao setor mineral. A ideia é que os interessados apresentem publicamente novas proposições e abordagens para evolução constante da atividade mineral brasileira.

Inscriva-se

Datas do Congresso: 6/8/2014 a 8/8/2014

Local: UFMG - Escola de Engenharia, em Minas Gerais

50-04/07/2014

Este mar é meu

Por **Monica Gugliano** | **Para o Valor, de São Paulo**

Houve um tempo, há 200 milhões de anos, em que toda a terra do mundo era uma só. Lentamente, como todas as grandes mudanças geológicas que ocorrem no planeta, essa enorme massa foi se dividindo. As imensas fraturas originaram a América do Sul, África, Austrália, Antártica e Índia. Passaram-se outros muitos milhões de anos, América e África se separaram e, entre elas, surgiu o Oceano Atlântico. Esse mar, que ninguém sabia onde e se iria terminar, amedrontou e seduziu civilizações. Até que destemidos navegadores, entre os séculos XV e XVII, singraram essas águas. Depois de meses, viajando a bordo de precárias embarcações, encontraram aquele pedaço de terra que, havia milênios, se desprendera da África. Era um continente, a América. Na época, os países se envolveram em uma verdadeira corrida marítima para alcançar o território rico em ouro, pedras preciosas, outros minerais e recursos naturais.

Nas últimas décadas, uma nova competição nos oceanos se desencadeia entre as nações. Dessa vez, pelas riquezas de outra terra - aquela que está no fundo do mar. Nessa corrida, o Brasil poderá, ainda neste ano, desfraldar sua primeira bandeira em águas internacionais além do limite das 200 milhas náuticas (370 km). A partir desta sexta-feira, os integrantes da International Seabed Authority (ISA) - em português denominada de Autoridade Internacional dos Fundos Marinhos (Isba) - se reúnem em Kingston, na Jamaica, e dirão se aceitam o plano de trabalho para exploração e pesquisa de uma área do Atlântico Sul conhecida como Elevação do Rio Grande.

Se a permissão for concedida, o governo brasileiro ganha, por um período de 15 anos, o direito de pesquisar o potencial do território. Ele está a 1,5 mil quilômetros de distância da costa e recebeu o nome de elevação porque está a, aproximadamente, mil metros da superfície, numa região onde o oceano alcança quatro mil metros de profundidade. Nele já foi constatada a existência de cobalto, níquel, cobre e manganês e outros metais: zircônio, tântalo, telúrio, tungstênio, nióbio, tório, bismuto, platina, cério, európio, molibdênio e lítio essenciais para a indústria de alta tecnologia. Cientificamente, eles são chamados de nódulos polimetálicos.

Em outra etapa, o país poderá explorar e até extrair esse minério. "Além do caráter estratégico, a iniciativa brasileira permitirá o desenvolvimento de recursos humanos e desenvolvimento tecnológico", explica o diretor de Geologia e Recursos Minerais da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM), um órgão governamental.

O plano de trabalho na Elevação, entregue à ISA no último dia de dezembro de 2013, foi movido pelo interesse econômico, mas principalmente estratégico. Se o Brasil não se capacitar e explorar essa riqueza, outros países o farão. Há também um item importante incluído na permissão: o país que detém o controle da região pesquisada pode usar suas Forças Armadas para protegê-la. "As nações descobriram o mar, desenvolveram pesquisas e tecnologia para uso em grandes profundidades e perceberam que ali há tanta riqueza ou mais do que existe no continente", diz o almirante Marcos Silva Rodrigues, secretário da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar (Secirm), um colegiado com a participação de 16 ministérios.

"As nações descobriram o mar (...) e perceberam que ali há tanta riqueza ou mais do que existe no continente", diz o almirante Rodrigues

A Isba é uma organização internacional autônoma pertencente ao sistema das Nações Unidas. Por intermédio dela, 166 Estados partes organizam e controlam as atividades no mar, particularmente com vista à gestão de seus recursos minerais. Ela surgiu para aplicar as determinações da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, criada em dezembro de 1982 e em vigor desde julho de 1994. A lei maior da organização, como se fosse a sua Constituição, afirma que o leito marinho, além das jurisdições nacionais, passa a ser considerado a "Área". Todos os recursos que ali estiverem, inclusive os minerais, são patrimônio da humanidade. É como se houvesse uma linha na água demarcando o que é de cada um e o que pertence a todos. Procurada pelo **Valor**, a Divisão do Mar, da Antártida e do Espaço do Ministério das Relações Exteriores preferiu não se pronunciar sobre o tema antes da reunião em Kingston.

No século XXI cresceu o interesse no mundo pela exploração mineral dos oceanos na chamada Área. A China já realizou prospecções na região e, não faz muito tempo, a China Ocean Mineral Resources Research and Development Association, estatal chinesa, anunciou a descoberta de depósitos hidrotermais (sinal da existência de minérios) no Atlântico Sul. Os chineses já mapearam os locais onde eles estão e vêm manifestando interesse em associar-se, em joint ventures, e cooperar com outros países com o objetivo de conseguir concessões da Autoridade.

A Elevação do Rio Grande tem sido visitada pela Alemanha e pela Rússia. O Instituto de Pesquisa Alemão IFM-Geomar anunciou que ainda neste ano fará uma expedição oceanográfica no Atlântico Sul para ampliar o conhecimento sobre possíveis minerais identificados por britânicos e chineses. A Rússia, que já faz pesquisas no Oceano Pacífico e no Atlântico Norte, quer marcar sua presença também no Atlântico Sul. "Se não investirmos, corremos o risco de ter um país estrangeiro extraíndo riquezas ao lado das nossas fronteiras marítimas", diz Roberto Ventura, diretor do CPRM.

O valor dessas riquezas, por enquanto, é incomensurável. Mas os produtos que dependem desses minérios para existir são mais do que conhecidos. O cobalto é indispensável na produção de ligas metálicas na indústria de aviação; nos eletrodos das baterias elétricas dos chamados "carros verdes", movidos a eletricidade; e nos equipamentos que usam a radiação gama para os tratamentos de câncer.

Os depósitos de fosforita, que estão sendo mapeados nas bacias de Santos e Pelotas (RS), poderão fornecer esse mineral, imprescindível à indústria de fertilizantes. O Brasil é o quarto maior consumidor de fertilizantes, mas responde por apenas 2% da produção mundial. O uso desses produtos aumentou de 3,1 milhões de toneladas em 1990 para 12,2 milhões de toneladas em 2012. Até 2017, acredita-se que o incremento será de 3,8% ao ano.

As principais culturas que dependem dos fertilizantes são: soja (34%), milho (18%), cana-de-açúcar (15%), café (7%), algodão (6%) e arroz (2%). "Considerando o volume

de recursos que a mineração gera ao país e as perspectivas que se abrem com a exploração no mar, o governo precisa tratar desse assunto mais seriamente e aumentar essa discussão no Marco Regulatório da Mineração que tramita no Congresso", reclama o geólogo Agamenon Dantas, da consultoria Oceanis Mineral International.

A empresa trabalha com 40 profissionais da área que fazem diagnósticos e traçam perspectivas do setor para a iniciativa privada e governos. Um desses consultores é o geólogo Kaiser Gonçalves de Souza. Formado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Souza é mestre e doutor pela Université de Paris VI em geologia marinha. Nascido no interior do Maranhão, registrado em Pernambuco - o pai pernambucano queria que o filho tivesse a mesma origem que ele -, Souza foi criado em Porto Alegre. Cedo se apaixonou pelo mar. Trabalhou na Autoridade Internacional dos Fundos Marinhos e como diretor do Serviço Geológico do Brasil (CPRM - sigla advinda da razão social Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais).

Na década passada, com sua equipe, realizou aquele que é considerado o primeiro mapeamento da região submersa, agora requerido pelo governo brasileiro. O pedido informa a área pleiteada, cerca de 3 mil km² no Atlântico Sul, e os investimentos, previstos em US\$ 11 milhões nos primeiros cinco anos de contrato. "Não é muito, mas, nesse tipo de trabalho, o maior custo é com o aluguel de navios de outros países, porque não temos embarcações apropriadas para essa finalidade, e com as análises dos materiais coletados", explica Souza, que acredita no sinal verde da Autoridade para o pedido.

Em 2011, foi fretado o navio de pesquisa Marion Dufresne, do Instituto Polar Francês. O CPRM contratou o navio com recursos financeiros do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) do Ministério de Minas e Energia - aproximadamente R\$ 60 milhões. No ano passado, uma parceria científica entre o Brasil e o Japão permitiu coletar amostras - a 4.200 metros de profundidade - das rochas na Elevação do Rio Grande. Isso foi feito com o minissubmarino Sinkai - um dos poucos no mundo capaz de enfrentar as condições de profundidade até 6.500 metros -, equipado com braços mecânicos e câmeras de altíssima resolução.

Essas expedições também serviram para corroborar outra tese dos cientistas brasileiros em defesa da propriedade da Elevação. Ela faria parte de uma das montanhas da cadeia que ficou submersa em todo o Atlântico Sul, com alturas que chegam a 3.200 metros a partir do leito do oceano. Ainda que localizada em águas internacionais, as rochas que foram encontradas demonstram que a região seria uma extensão das terras brasileiras inundadas pelo oceano, separando a margem continental brasileira das grandes profundidades oceânicas. "É como se um enorme pedaço de nosso continente tivesse sido coberto pela água. E, de fato, foi", afirma Ventura.

A busca por essa nova fronteira e seus recursos deu origem a mais do que um projeto: Levantamento da Plataforma Continental (Leplac), iniciado há duas décadas por cientistas; o Remplac, que avalia a potencialidade mineral da Plataforma Continental

Jurídica Brasileira; e o Proarea (Programa de Prospecção e Exploração de Recursos Minerais do Atlântico Sul e Equatorial), onde está a pesquisa da Elevação do Rio Grande. "Eles são idênticos no objetivo, mas diferentes na área em que atuam. Um está na jurisdição brasileira e outro na zona internacional dos oceanos. Na Plataforma - uma extensão geológica, como se fosse um minicontinente - encontram-se as mesmas rochas que na terra", explica Kaiser Souza.

"Se comprovarmos que o continente submerso é parte do Brasil, isso pode mudar toda a dimensão atual de nosso mar territorial", acrescenta Lauro Calliari, professor e doutor em oceanografia geológica do Instituto de Oceanografia da Universidade Federal do Rio Grande (Furg), um dos mais importantes centros de estudos brasileiros sobre o assunto.

O Levantamento da Plataforma foi entregue à ONU em 2004 e é uma das vertentes da Amazônia Azul. A expressão foi criada pelo ex-comandante da Marinha Roberto de Guimarães Carvalho com o objetivo de mostrar à população que o mar brasileiro era tão importante quanto a Amazônia. "A Marinha nunca teve a intenção de promover uma disputa para medir a importância de uma ou outra área. Ambas são estratégicas para nosso país", diz o almirante José Roberto Bueno Junior, diretor do Centro de Comunicação Social da Marinha.

"Temos tradição de olhar o mar de maneira lúdica que precisa mudar. É necessário pensar no mar estrategicamente", diz Bueno, da Marinha

O Brasil tem cerca de 8,5 mil km de costa e uma área oceânica que totaliza quase 4,5 milhões de km² sob sua jurisdição, divididos da seguinte forma: nas primeiras 12 milhas náuticas (22,2 km), o país tem a soberania total sobre a área, como se ela fosse uma extensão do continente; depois disso, nas outras 12 milhas subsequentes está a chamada Zona Contígua (de 12 a 24 milhas), onde as autoridades brasileiras têm a prerrogativa de fazer cumprir as legislações aduaneira, fiscal, sanitária ou imigratória. Essas duas áreas estão dentro da Zona Econômica Exclusiva. Ela é definida como o espaço marítimo onde o país é soberano para fins de exploração, conservação e gestão dos recursos ali existentes, como, por exemplo, os do pré-sal. Atualmente, 91% do petróleo brasileiro vem do mar e grandes depósitos de gás natural foram encontrados na bacia de Santos e no litoral do Espírito Santo.

A Amazônia Azul - 4,5 milhões de quilômetros quadrados, que equivalem a 52% do território continental do país - engloba projetos e ações nas áreas econômica, ambiental, científica e de soberania. No mar, as fronteiras não existem fisicamente. Portanto, é a existência de formas de dissuasão que permitem a um país mostrar aos outros seu domínio sobre a região. "Temos uma tradição de olhar o mar de maneira lúdica que precisa mudar. É necessário pensar no mar estrategicamente. Só para citar um exemplo, podemos lembrar que mais de 95% das exportações brasileiras são transportadas pelo mar", observa Bueno.

Se tantas riquezas circulam e estão nessas águas, resguardar a soberania sobre elas é uma das grandes preocupações das autoridades. "Somos, sim, um país com muitas carências. Sabemos também que nossas Forças Armadas não podem ser maiores do que a capacidade do Brasil de mantê-las. Tudo isso, no entanto, não nos exime da obrigação de proteger a nação", afirma o secretário da Secirm, almirante Rodrigues. A Marinha desenvolve diversos projetos nesse sentido, como o Programa de Desenvolvimento de Submarinos (Prosub), que prevê a construção do submarino a propulsão nuclear e um sistema de vigilância e de monitoramento semelhante ao Sivam (Sistema de Vigilância da Amazônia).

Nem todos os desafios para iniciar a conquista do território marítimo além das atuais fronteiras estão encaminhados. Um deles é o de convencer a iniciativa privada a investir e a participar dos trabalhos na Elevação do Rio Grande, ainda que em etapas futuras. "Qualquer atividade no mar sempre será muito cara. A ciência fez já uma parte, identificando os minerais que ali estão. Agora a indústria brasileira, os grandes conglomerados de mineração, têm que participar também", afirma o professor Kaiser Souza.

Outro obstáculo a ser superado é o da proteção ambiental, que preocupa a comunidade científica. "Por mais que se trabalhe com projetos que busquem a sustentabilidade, sempre haverá algum impacto no ambiente marinho. Não é tão simples. Não é só ir até o fundo e tirar o minério", alerta o professor Calliari.

Edmo Campos, professor do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo, um dos assessores da comissão do Ministério da Ciência e Tecnologia que organiza a criação do Instituto Nacional de Pesquisas Oceanográficas e Hidrovias, concorda com a posição de Calliari. Ele é especialista em oceanografia física e coordena a participação brasileira, financiada pela Fapesp, na análise da circulação de calor no Atlântico Sul, o Samoc (South Atlantic Meridional Overtuning Circulation). "Já foi comprovado que essa região não é completamente destituída de vida. Sabe-se que há muitos organismos vivos ali que nem sequer foram classificados. Machuca os ouvidos dos cientistas a possibilidade de que eles desapareçam sem ter sido conhecidos", afirma Campos.

Atividades de mineração em águas profundas, observa Campos, são passíveis de acidentes cujos danos podem até atingir a costa. "O Brasil deve fazer as pesquisas. Mas não pode levar isso adiante sem um estudo criterioso do impacto. Há uma série de perguntas sobre esses trabalhos que não foram respondidas ainda", adverte.

Responder a todas as perguntas sobre o que existe nas profundezas do mar, considerada a última fronteira do mundo, é tarefa para muitas gerações. Até que o homem chegue lá, as descobertas científicas deverão diminuir, aos poucos, o sem-fim dessas questões. Mas certamente não conseguirão impedir que os segredos ocultos no fundo das águas, por muito tempo ainda, atemorizem e estimulem a imaginação daqueles que tentam decifrá-los.

51-04/07/2014

Minério de ferro sobe 2% e ajuda ação da Vale

Por **Olivia Alonso | De São Paulo**

O minério de ferro subiu 1,9% ontem e foi negociado a US\$ 96,50 por tonelada no mercado à vista da China. Foi a terceira alta seguida da commodity, que vem sendo puxada por dados mais positivos da indústria chinesa. No ano, o minério ainda acumula queda de 28%, mas vem em recuperação nas últimas semanas. Desde a mínima de 2014 - e também dos últimos 21 meses - de US\$ 89 por tonelada, em 16 de junho, a commodity registra uma alta de 8%, ou US\$ 7,5 por tonelada.

A melhora da cotação tem ajudado os papéis da Vale. Desde segunda-feira, o minério subiu 3%, e a ação preferencial da Vale teve valorização 5,43%. Ontem, os papéis subiram 2,13%, para R\$ 27,78, e os ordinários avançaram 1,97%, para R\$ 31,04. O Ibovespa subiu 1,59%.

A analista Melinda Moore, do Standard Bank, disse ontem em relatório que espera um rali no curto prazo, com o preço voltando ao patamar de US\$ 100 a US\$ 105 por tonelada, o que não acontece desde o início de maio. Ela afirma que um movimento sazonal de consumo de estoques em junho pode levar a uma melhora dos preços em julho e acrescenta que o mercado de minério de ferro tem mostrado um desempenho mais positivo do que o de aço na China.

Entre as notícias do mercado global de minério, teve destaque ontem o resultado das exportações da Austrália em maio. Autoridades do país informaram que os embarques atingiram 61,5 milhões de toneladas no quinto mês do ano, 2% acima das 60,4 milhões de toneladas em abril e 26% mais do que as 48,7 milhões em maio do ano passado.

Os dados confirmam as expectativa de aumento da oferta global transoceânica neste ano, o que vem ajudando a manter o preço do minério abaixo da média do ano passado, de US\$ 135 por tonelada. Analistas estimam um volume adicional de aproximadamente 180 milhões de toneladas ao mercado em 2014.